A Hora do Lobisomem

Arnie Westrum, sinalizador ferroviário, está trancado por uma nevasca numa cabana de ferramentas a nove milhas da cidade. Ele espera a tempestade passar jogando paciência com um maço de cartas sebosas. Lá fora, o vento se transforma num lamento contínuo. Westrum ergue a cabeça, preocupado. E apenas o vento, pensa. Mas o vento não arranha portas... tentando entrar. E o cachorro de alguém, ele pensa, perdido e procurando abrigo. Seria desumano deixá-lo lá fora, ele pensa... mas permanece imóvel. Tem sido uma época ruim na cidade; a região está repleta de maus presságios e Arnie sente o dedo gelado do medo espetar seu coração. Antes que ele possa decidir o que fazer, o lamento incipiente se torna um urro. Há um ruído forte como se algo incrivelmente pesado atingisse a porta... recuasse... e atacasse outra vez. Arnie Westrum olha ao redor procurando algo para reforçar a porta, mas, antes que ele se mova, o ser uivante ataca outra vez, rachando-a de cima a baixo. E o maior lobo que Arnie já viu. E seus grunhidos soara terrivelmente semelhantes a palavras humanas. A porta então cede e o lobo avança, os olhos amarelos faiscando em direção ao homem encurralado. Suas orelhas estão eriçadas com triângulos peludos. Sua língua drapeja. Atrás dele, a neve chicoteia através da porta rachada ao meio. O ruído dos gritos é abafado pela fúria da tempestade.

No Coração das Trevas

O horror começou em janeiro - sob a luz da lua cheia.

O primeiro grito partiu de um guarda-freios que estava trancado pela nevasca numa pequena cabana de ferramentas, a nove milhas da cidade. Sua garganta foi destroçada pelas mandíbulas de alguma espécie de fera...

No mês seguinte, o grito irrompeu de uma cama virginal, onde uma mulher solitária gostaria de entregar-se aos devaneios do amor.

A partir de então os habitantes de Tarker's Mills, uma cidade isolada no norte do Maine, Estados Unidos, perceberam que algo de terrível estava acontecendo entre eles. E se repetia todas as vezes em que a lua cheia reluzia num céu translúcido e livre de poluição. A Besta rondava a cidade - sedenta de sangue, vigorosa e inexplicável.

A Hora do Lobisomem é outra obra-prima de Stephen King, um dos mais admiráveis e profícuos escritores de terror de todos os tempos.

A Hora do Lobisomem

Stephen King

Em memória de Davis Grubb
e de todas as vozes
da Glória.

Na escuridão malcheirosa do celeiro, ele
ergueu sua cabeça peluda. Seus estúpidos olhos
amarelos faiscaram. "Faminto", ele sussurrou.

Henry Ellender
The Wolf

"Trinta dias tem setembro,
abril, junho e novembro,
os demais têm trinta e um, menos fevereiro.
Chuva e neve e sol brejeiro
e a lua gorda o ano inteiro."

Verso infantil

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

Em algum lugar, lá no alto, a lua brilha, gorda e cheia - mas, aqui, em Tarker's Mills, uma nevasca de janeiro entulhou o céu de neve. O vento sopra forte pela avenida Central deserta; as patrolas alaranjadas da cidade há muito se renderam.

Arnie Westrum, sinalizador ferroviário da GS&WM Railroad, foi apanhado na pequena cabana de ferramentas e sinais a nove milhas da cidade; com seu vagonete movido a gasolina bloqueado pela enxurrada, ele espera a tempestade passar jogando paciência com um maço de cartas sebosas. Lá fora, o vento se transforma num lamento contínuo. Westrum ergue a cabeça com desconforto e então volta a olhar para seu jogo. É apenas o vento, afinal de contas...

Mas o vento não arranha portas... tentando entrar.

Ele se levanta; é um homem alto e desengonçado metido numa jaqueta de lã e com o uniforme da ferrovia, um cigarro Camel pendurado num canto da boca, seu enrugado rosto da Nova Inglaterra iluminado por tons alaranjados da lanterna de querosene pendurada na parede.

As arranhadelas recomeçam. O cachorro de alguém, ele pensa, perdido e procurando abrigo. Isso é tudo... mas permanece imóvel. Seria desumano deixá-lo lá fora no frio, ele pensa (não que seja muito mais quente ali dentro; contra o aquecedor a bateria ele pode ver a nuvem fria criada por sua respiração) - mas ainda hesita. O dedo gelado do medo espeta-o abaixo do coração. Tem sido uma época ruim em Tarker's Mills; a região está repleta de presságios. Arnie tem o sangue forte dos Welsh em suas veias e não gosta dessas coisas.

Antes que ele possa decidir o que fazer com relação ao visitante, o incipiente lamento se transforma em urro. Há um ruído forte, como se algo incrivelmente pesado atingisse a porta... recuasse... e atacasse novamente. A porta trepida em seu umbral e um punhado de neve cai do alto.

Arnie Westrum olha ao redor procurando algo para reforçar a porta, mas, antes mesmo que ele se aproxime da cadeira frágil onde estava sentado, o ser uivante ataca a porta outra vez com uma força inacreditável, rachando-a de cima a baixo.

Pára por um longo momento, arqueado numa linha vertical, e, penetrando na cabana, chutando e bufando, seu focinho retorcido num grunhido, seus olhos amarelos faiscantes, é o maior lobo que Arnie já viu...

E seus grunhidos soam terrivelmente semelhantes a palavras humanas.

A porta racha, ringe, cede. Num instante o ser estará ali dentro.

No canto, entre as ferramentas, há uma picareta encostada à parede. Arnie se apressa em apanhá-la enquanto o lobo abre caminho e se agacha, os olhos amarelos faiscando na direção do homem encurralado. Suas orelhas estão eriçadas, como triângulos peludos.

Sua língua drapeja. Atrás dele, a neve chicoteia através da porta rachada ao meio.

Com um grunhido ele se lança, Arnie Westrum levanta a picareta.

Uma única vez.

Lá fora, através da porta arrombada, a lâmpada fraca brilha imperfeita sobre a neve.

O vento ronca e uiva.

Os gritos começam.

Algo inumano chegou a Tarker's Mills, tão sorrateiro quanto a lua cheia no céu noturno, lá no alto. É o lobisomem, e não há nenhuma razão a mais para sua chegada do que haveria para o surgimento do câncer ou de um psicótico com crimes em mente, ou um furacão assassino. Seu tempo é agora, seu lugar é aqui, nesta pequena cidade do Maine onde as ceias de feijão cozido na igreja são um evento semanal, onde garotinhos e garotinhas ainda levam maçãs para suas professoras, onde os passeios ecológicos do Clube dos Cidadãos são religiosamente noticiados no jornal semanal. Na próxima semana haverá notícias de uma variedade mais sombria.

Lá fora, suas pegadas começam a ser cobertas pela neve e o gemido do vento tem algo de selvagem e prazeroso. Não há nada de Deus ou Luz naquele som desalmado - é tudo inverno negro e gelo sombrio.

O ciclo do lobisomem começou.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

Amor, pensa Stella Randolph, deitada em sua estreita cama virginal, e através de sua janela penetra a luz fria e azulada de uma lua cheia do Dia dos Namorados.

Oh, amor, amor, amor, amor seria como...

Este ano Stella Randolph, que é dona de um armarinho em Tarker's Mills, recebeu vinte cartões de namorados - um de Paul Newman, um de Robert Redford, um de John Travolta... e até um de Ace Frehley, do grupo de rock Kiss. Eles estão abertos sobre a escrivaninha do outro lado do quarto, iluminados pelo luar. Ela os enviou todos para si mesma, neste como em todos os outros anos.

O amor seria como um beijo ao amanhecer... ou o último beijo, o verdadeiro, ao final das histórias românticas de Arlequim... o amor seria como rosas ao crepúsculo...

Eles riem dela em Tarker's Mills, sim, você pode apostar. Os garotinhos dizem piadas e riem escondendo os rostos com as mãos (e algumas vezes, se eles estão em segurança e o comissário Neary não está por perto, cantam canções jocosas com suas suaves e debochadas vozes de sopranos), mas ele conhece o amor e a lua. Sua loja vai mal, ela está gorda demais, mas, agora, nessa noite de sonhos, com a lua de uma tristeza amarga que escorre pelas vidraças frisadas de gelo, parece-lhe que o amor é ainda uma possibilidade, o amor e o cheiro do verão, porque ele se aproxima...

O amor seria como o toque áspero do rosto de um homem, que roça e arranha...

E, subitamente, uma arranhadela na vidraça.

Ela se apóia nos cotovelos, as cobertas escorregando de seu grande busto. O luar foi encoberto por uma silhueta escura - amorfa mas claramente masculina, e ela pensa: Eu estou sonhando... e em meus sonhos eu o deixarei vir... em meus sonhos eu deixarei a mim mesma vir. Eles usam a palavra "sujeira", mas a palavra correta é "limpo ", a palavra é "certo "; o amor seria como uma vinda.

Ela levanta, convencida de que é um sonho, pois há um homem curvado lá fora, um homem que ela conhece, um homem que ela encontra na rua quase todos os dias. É...

(O amor, o amor está chegando, o amor veio)

Mas quando seus dedos gorduchos se apóiam na moldura gelada da janela, ela nota que não é um homem; é um animal, um imenso e peludo lobo, suas patas dianteiras na beirada exterior da janela, as patas traseiras enterradas até as ancas na neve que recobre o lado oeste da casa, nos limites da cidade.

Mas é Dia dos Namorados e haverá amor, ela pensa; seus olhos a enganaram mesmo em seu sonho. E um homem, aquele homem, e ele está tão pecaminosamente disponível.

(ausência de pecado, sim, o amor seria como a ausência de pecado)

e ele chegou nessa noite enluarada e irá possuí-la. Ele irá...

Ela escancara a janela e é o golpe de ar gelado ondulando sua camisola azul que lhe diz que isto não é nenhum sonho. O homem se foi e, atônita, ela percebe que ele nunca esteve ali. Ela encolhe os ombros, recuando, e o lobo salta livremente para dentro do quarto e se sacode, espalhando uma onírica nuvem de neve como açúcar na escuridão.

Mas, o amor. O amor é como... é como... como um grito...

Tarde demais ela lembra de Arnie Westrum, despedaçado na cabana da ferrovia a oeste da cidade, apenas um mês atrás. Tarde demais...

O lobo avança em sua direção, os olhos amarelos faiscando com fria luxúria. Stella Randolph recua para sua estreita cama virginal, caindo sobre ela.

O luar divide a pelugem da besta em listras prateadas.

Sobre a escrivaninha, os cartões do Dia dos Namorados se agitam momentaneamente com a brisa que sopra da janela aberta; um deles cai e ziguezagueia preguiçosamente até o chão, cortando o arem grandes arcos silenciosos.

O lobo põe suas patas sobre a cama, uma de cada lado de seu rosto, e ela pode sentir sua respiração... quente, mas, mesmo assim, não desagradável. Seus olhos amarelos se fixam nela.

"Amado", ela sussurra, e fecha os olhos.

Ele cai sobre ela.

O amor é como morrer.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

A última nevasca verdadeira do ano - neve pesada, úmida, tornando-se granizo enquanto o crepúsculo avança e a noite se aproxima - espalhou ramos de árvores partidas por toda Tarker's Mills e os estalidos da madeira podre ressoam como disparos. É a Mãe-Natureza enterrando suas árvores mortas, diz Milt Sturmfuller, o bibliotecário da cidade, a sua esposa na hora do café. Ele é um homem franzino de cabeça estreita e olhos de um azul-pálido, e tem mantido sua bela e silenciosa esposa numa escravidão de terror por doze anos. Poucas pessoas desconfiam da verdade - a mulher do comissário Neary, joan, é uma -, mas a cidade pode ser um poço de escuridão e ninguém mais sabe além delas. A cidade guarda seus segredos.

Milt gosta tanto da frase que a repete: Sim, a Mãe-Natureza enterrando suas árvores mortas... então as luzes se apagam e Dorna Lee Sturmfuller solta um gritinho sufocado. Ela derrama seu café também.

Limpe isso, o marido lhe diz friamente. ,impe isso... já.

Sim, querido. Certo.

No escuro, ela cata um pano de prato para limpar o café derramado e arranha a canela contra uma banqueta. Grita. No escuro, seu marido ri com vontade. Ele acha a dor de sua mulher mais divertida que qualquer coisa, com exceção, talvez, das piadas da Reader's Digest. Aquelas piadas - Piadas de Caserna, Rir é o Melhor Remédio - realmente mexem com sua veia humorística.

Assim como as árvores mortas, a Mãe-Natureza também enterrou algumas linhas de força em Tarker Brook nesta agitada noite de março; a neve cobriu os fios grossos, se acumulando até que eles se partissem e caíssem na estrada como um ninho de serpentes, se remexendo e cuspindo faíscas azuis.

Toda Tarker's Mills ficou no escuro.

Como se finalmente satisfeita, a tempestade começou a amainar e não muito depois da meia-noite a temperatura caiu de 0,5 para 9 graus negativos. A lama se solidificou em estranhas esculturas. O campo de feno do velho Hague - conhecido também como o Campo dos Quarenta Acres - se parece com vidro partido. As casas continuam no escuro; as caldeiras, frias. Nenhum funcionário da companhia de força é capaz de ultrapassar as estradas derrapantes.

As nuvens se desfazem. Uma lua cheia brinca de esconder entre as remanescentes. O gelo que cobre a rua principal refulge como os ossos de uma carcaça.

Na noite, começam os uivos.

Mais tarde, ninguém será capaz de dizer de onde eles vieram; estavam em toda parte e em nenhum lugar enquanto a lua cheia tingia as casas sombrias da cidadezinha, em toda parte e nenhum lugar enquanto o vento de março começou a uivar como o lamento de

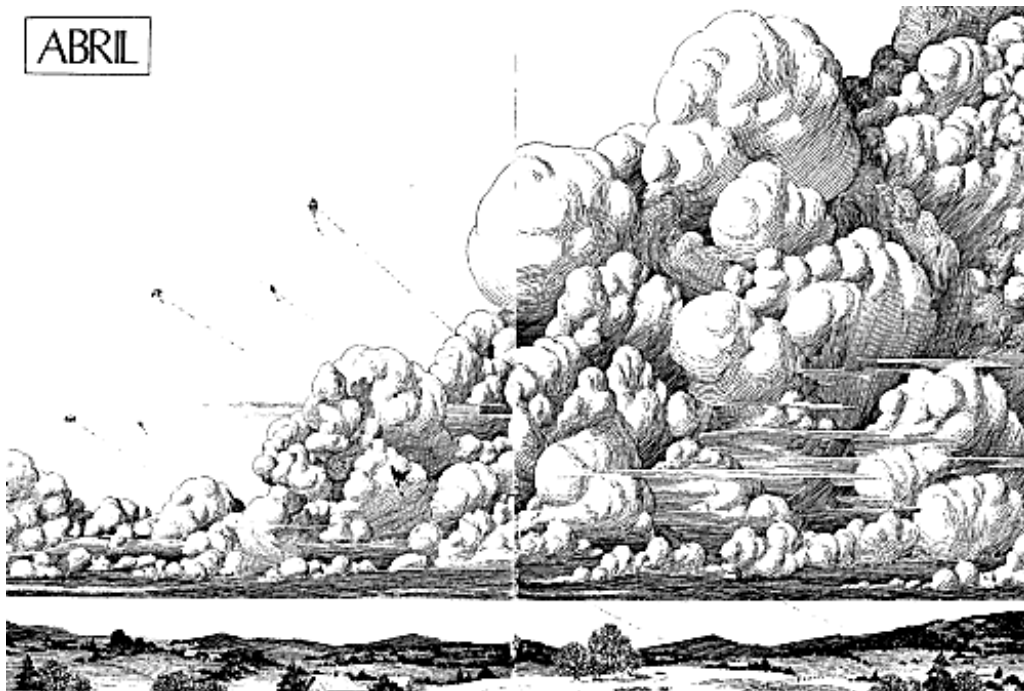
uma divindade nórdica soprando seu instrumento, perdida no vento, solitário e selvagem

Dorna Lee o escuta enquanto seu desagradável marido dorme o sono dos justos a seu lado; o comissário Neary o escuta de pé em frente à janela do quarto no seu apartamento da rua Laurel; Ollie Parker, o gordo e inexpressivo diretor da escola primária, o escuta em seu quarto; outros o escutam também. Um deles é um garoto numa cadeira de rodas.

Ninguém o vê. E ninguém sabe o nome do operário encontrado pela manhã que tinha conseguido chegar a Tarker Brook para consertar os cabos derrubados. O operário estava coberto de gelo, a cabeça jogada para trás num grito sem som, o velho casaco e a camisa por baixo dele rasgados. O operário sentava em uma poça congelada do seu próprio sangue, os olhos fixos nos fios derrubados, as mãos erguidas num gesto de defesa com gelo entre os dedos.

E tudo ao redor dele eram pegadas.

Pegadas de lobo.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

Pela metade do mês, a última neve se transforma em chuva torrencial e alguma coisa maravilhosa está acontecendo em Tarker's Mills: o verde começa a aparecer. O gelo no curral de Matty Tellingham já derreteu e os restos de neve na trilha da floresta conhecida como Big Woods começaram a diminuir. Parece que a velha e maravilhosa magia vai acontecer novamente. A primavera está chegando.

Os moradores a celebram com discrição por causa da sombra que caiu sobre a cidade. Vovó Hague cozinha tortas e as põe na janela da cozinha para esfriar. No domingo, na Igreja Batista da Graça, o reverendo Lester Lowe lê os Cânticos de Salomão e faz um sermão intitulado "A Primavera do Amor Divino". Em uma celebração mais leiga, Chris Wrightson, o maior bêbado de Tarker's Mills, toma seu Grande Porre de Primavera e cambaleia sob a luz prateada e irreal de uma lua quase cheia de abril. Billy Robertson, garçom e dono do The Pub, único boteco de Tarker's Mills, o observa e murmura para a garçonete: "Se aquele lobo apanhar alguém esta noite, eu acho que será Chris'".

"Nem fale nisso", replica a garçonete, encolhendo os ombros. Seu nome é Elise Fournier, tem vinte e quatro anos, freqüenta a Igreja Batista e canta no coro porque tem uma queda pelo reverendo Lowe. Mas ela planeja deixar Mills no verão; apaixonada ou não, essa história de lobo começou a assustá-la. Ela começou a pensar que as coisas podem ser melhores em Portsmouth... e os únicos lobos por lá usam uniformes de marinheiros.

As noites em Tarker's Mills, quando a lua fica cheia pela terceira vez no ano, são desagradáveis... os dias são melhores. No parque municipal há, subitamente, um céu cheio de pandorgas ao entardecer.

Brady Kincaid, onze anos, ganhou uma modelo Abutre no seu aniversário e perdeu a noção do tempo brincando com ela, sentindo o puxão da pandorga em suas mãos como uma coisa viva, vendo-a cair por um momento e serpentear pelo céu azul acima do coreto. Ele esqueceu de ir para casa jantar, nem se dá conta de que os outros soltadores de pipas já se foram, um a um, com suas caixas e barbantes apertados debaixo dos braços, nem se dá conta de que está só.

É a luz do dia se extinguindo e as sombras azuis avançando que, finalmente, o fazem entender que ele foi longe demais - isto e a lua crescendo sobre as árvores na beira do parque. Pela primeira vez é uma lua de tempo quente, inflada e laranja, em vez de fria e branca, mas Brady não repara nisso; ele apenas se dá conta de que demorou demais, seu pai, provavelmente, vai lhe dar uns safanões... e a escuridão avança.

Na escola, ele riu das histórias tolas contadas pelos colegas sobre o lobisomem que eles dizem ter matado o operário no mês passado, Stella Randolph um mês antes e Arnie Westrum no outro anterior. Mas ele não ri agora. Quando a lua transforma a escuridão de abril em um caldeirão cor de sangue, as histórias parecem todas muito reais.

Ele começa a enrolar o barbante, recolhendo a pipa o mais rápido possível, sem que seus olhos injetados se voltem para o céu escuro. Ele puxa muito rápido e, de repente, o

vento pára. A pipa mergulha por trás da cerca.

Ele caminha naquela direção, continuando a enrolar o barbante, olhando nervoso para trás... de repente, o barbante começa a correr e a se movimentarem suas mãos, para frente e para trás. Recorda-lhe sua linha de pesca quando ele fisgou aquele grandão, em Tarker's Stream, além dos moinhos. Olha para ela, fecha a cara e a linha afrouxa.

Um rugido ameaçador enche a noite e Brady Kincaid grita. Ele agora acredita. Sim, agora acredita, tudo bem, mas é tarde demais e seu grito é abafado pelo rugido que subitamente cresce e se transforma num uivo.

O lobo está correndo em sua direção, correndo em duas pernas, sua pelugem alaranjada pela lua, seus olhos com lampejos verdes, e em uma das patas dianteiras - uma pata com dedos humanos e garras no lugar das unhas - está a pipa de Brady. Esvoaçando loucamente.

Brady se vira para correr e repentinamente braços rudes o circundam; ele sente o cheiro de algo como sangue e cinamomo e é encontrado no dia seguinte escorado no Memorial à Guerra, sem cabeça e sem entranhas, a pipa em uma das mãos rígidas.

A pipa esvoaça, como se tentando subir ao céu, enquanto as pessoas viram as costas, horrorizadas e nauseadas. Esvoaça porque a brisa voltou. Esvoaça como se soubesse que será um bom dia para pipas.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

Na noite anterior ao domingo de Páscoa na Igreja Batista da Graça, o reverendo Lester Lowe tem um sonho terrível do qual ele desperta trêmulo, banhado em suor, olhos fixos nas estreitas janelas da casa paroquial. Através delas, pode ver sua igreja do outro lado da estrada. O luar penetra pelo quarto de dormir da casa paroquial em imóveis grãos prateados e, por um momento, ele espera mesmo ver o lobisomem sobre o qual os velhotes caducos têm murmurado a respeito. Então ele fecha os olhos implorando perdão por seu deslize supersticioso e termina sua oração com um "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém" - como sua mãe o ensinou a encerrar todas suas orações.

Ah, mas o sonho...

No seu sonho era amanhã e ele estava fazendo o sermão de Páscoa. A igreja está sempre cheia no Domingo de Páscoa (apenas os mais velhos dos velhotes caducos ainda dizem Santo Domingo Pascal) e, em vez de estar pela metade ou parcialmente vazia como na maioria dos domingos, cada um dos bancos está tomado.

Em seu sonho ele pregava com uma fogosidade e uma força que raramente atingia na realidade (costumava ser monótono, o que podia ser uma razão para que a freqüência na Igreja da Graça tenha caído tão drasticamente nos últimos dez anos ou mais). Esta manhã sua língua parece ter sido tocada pelo Fogo Pentecostal e ele compreende que está pregando o maior sermão de sua vida. E o tema é: A BESTA CAMINHA ENTRE NÓS. Ele martela o assunto repetidas vezes, vagamente consciente de que sua voz ficou rispidamente mais forte, que suas palavras atingiram um ritmo quase poético.

A Besta, ele lhes diz, está em toda parte. O Grande Satã, ele lhes diz, pode estarem qualquer lugar. No baile da escola. Comprando um maço de Marlboro e um isqueiro Bic no armazém. Parado em frente à lancheria de Brighton, comendo um sanduíche natural e esperando pelo ônibus de Bangor das 4h40min para embarcar. A Besta pode estar sentada próximo a você num concerto da banda ou comprando uma fatia de torta na lanchonete da rua principal. A Besta, ele lhes diz, sua voz decrescendo num sussurro palpitante, e nenhum olho se desvia. Ele os apanhou. Cuidado com a Besta pois ela sorri e diz que é seu vizinho, mas, oh, meus irmãos, seus dentes são afiados e vocês podem notar a maneira descontrolada com que seus olhos giram. É a Besta e está aqui, agora, em Tarker's Mills. Ela...

Mas nesse ponto ele fraqueja, sua eloqüência se esvai, pois algo terrível está acontecendo em sua ensolarada igreja. Sua assembléia está começando a se transformar, e ele, horrorizado, compreende que eles estão virando lobos, todos eles, todos os trezentos: Victor Bowle, chefe do Conselho Mundial, normalmente tão branco, gordo e roliço... sua pele está ficando marrom, áspera, escura como pêlo! Violet MacKenzie, que dá aulas de piano... seu esguio corpo de solteirona está inflando, seu nariz delicado se achatando e alargando! O gordo professor de ciências, Elbert Freeman, parece ficar mais gordo, seu brilhante terno azul se despedaçando, chumaços de pêlos explodindo como o estofamento de um velho sofá! Seus lábios carnudos se arreganham como membranas para mostrar dentes do tamanho de teclas de piano!

A Besta, o reverendo Lowe tenta dizer em seu sonho, mas as palavras não lhe vêm e ele desce do púlpito horrorizado enquanto Cal Blodwin, o diácono chefe da Igreja da Graça, caminha apressado para o altar principal, rosnando, o dinheiro derramando da bandeja prateada da coleta, sua cabeça pendendo para um lado. Violet MacKenzie salta sobre ele e ambos rolam juntos pelo altar, mordendo-se e guinchando em vozes que são quase humanas.

E agora os outros se juntam, o som é como o de um zoológico na hora da alimentação e dessa vez o Reverendo Lowe grita, numa espécie de êxtase: A Besta! A besta está em toda parte! Em toda parte. Em toda... " Mas sua voz não é mais sua voz; ela se tornou um grunhido inarticulado, e quando ele olha, vê que suas mãos projetadas das mangas de sua batina negra se tornaram patas com garras.

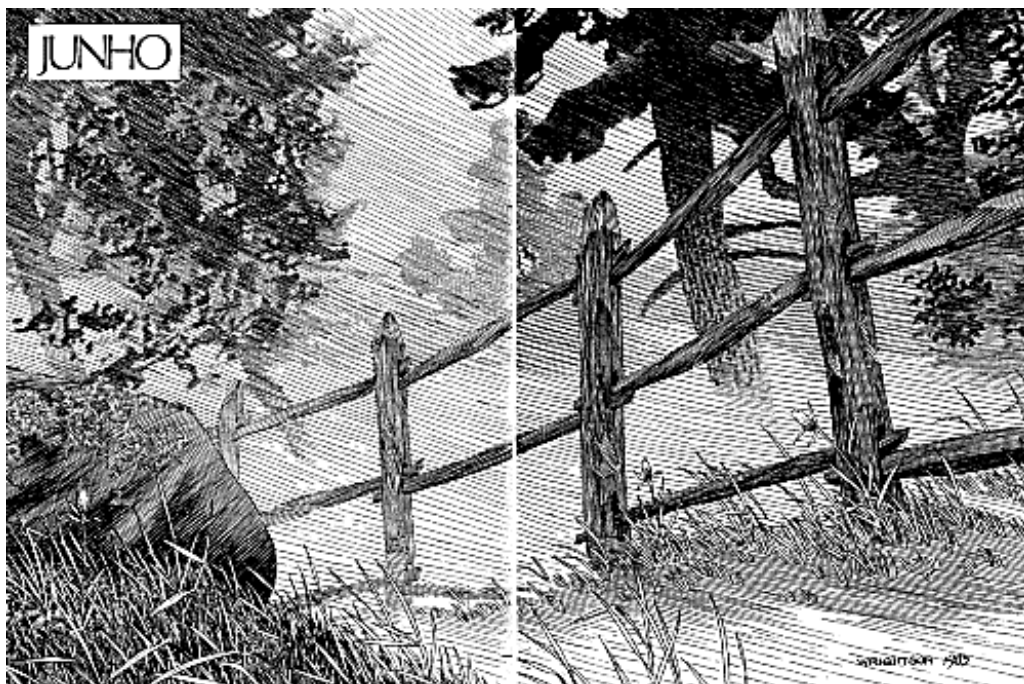
E então, ele desperta.

Foi só um sonho, ele pensa, deitando-se novamente. Foi só um sonho, graças a Deus.

Mas quando ele abre a igreja naquela manhã, a manhã do Domingo de Páscoa, a manhã seguinte à lua cheia, vê que não se trata de nenhum sonho; é o corpo estripado de Clyde Corliss, que trabalhou como faxineiro por muitos anos, pendurado no púlpito com o rosto colado no chão. O esfregão apoiado próximo a ele.

Nada disso é um sonho; o reverendo Lowe apenas deseja que pudesse ser. Ele abre a boca, numa grande contração, respiração ofegante, e começa a gritar.

A primavera está de volta, novamente - e, este ano, a Besta veio com ela.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

Na noite mais curta do ano, Alfie Knopfler, dono do Chat'n Chew, o único café de Tarke?s Mills, esfrega o grande balcão de fórmica até conseguir um brilho faiscante, as mangas da camisa branca enroladas, mostrando os musculosos braços tatuados. O café naquele momento está completamente vazio e quando ele acaba a limpeza do balcão, pára por um instante olhando a rua, pensando que perdeu sua virgindade numa noite perfumada de começo de verão como esta - a garota era Arlene McCune, que agora é Arlene Bessey, casada com um dos mais bem-sucedidos advogados de Bangor. Deus, como ela mexeu naquela noite no branco traseiro de seu carro, e como a noite exalava um aroma doce!

A porta principal se abre e deixa entrar um brilhante raio de luar. Ele imagina que o café está deserto por causa da Besta que dizem caminhar quando há lua cheia, mas Alfie não está nem assustado nem preocupado; nada assustado, porque ele pesa uns cem quilos e a maior parte deles ainda são os velhos bons músculos da Marinha, nada preocupado porque ele sabe que os fregueses estarão ali amanhã de manhã bem cedo para seus ovos, suas fritadas e café. Talvez, ele pensa, eu feche um pouco mais cedo esta noite - desligo a máquina de café, fecho-a, apanho meia dúzia de cervejas no Mercado Basket e ainda pego a segunda sessão no drive-in. Junho, junho, lua cheia - uma noite boa para um drive-in e algumas cervejas. Uma noite boa para relembrar as conquistas do passado.

Está se dirigindo para a máquina de café quando a porta se abre, e ele se volta, resignado.

- Olá! Como é que vai? - pergunta, pois o freguês é um dos freqüentadores... apesar dele raramente enxergar este freguês depois das dez da manhã.

O freguês cumprimenta e os dois trocam algumas palavras amigáveis.

- Café? - pergunta Alfie enquanto o freguês se ajeita numa das banquetas vermelhas.

- Por favor.

Bem, ainda é tempo de pegar a segunda sessão, pensa Alfie, indo para a máquina de café. Ele não vem se sentindo bem há tempos. Cansado. Doente, talvez. Ainda tem tempo de sobra para...

Um choque espanta o resto dos seus pensamentos. Alfie está estupidamente pasmo. A máquina de café é tão imaculada quanto as outras coisas no Chat'n Chew, o cilindro de aço inox brilha como um espelho de metal. E na sua superfície convexa polida ele vê algo tão inacreditável quanto repulsivo. Seu freguês, alguém que ele vê todo dia, alguém que todos em Tarker's Mills vêem todo dia, está se transformando. O rosto do freguês está, de alguma maneira, se despersonalizando, derretendo, embrutecendo, alargando. A camisa de algodão do freguês esticando, esticando... e de repente a camisa começa a se rasgar e, absurdamente, Alfie Knopfler só consegue pensar naquela série de televisão que seu pequeno sobrinho Ray gosta de assistir, O Incrível Hulk.

O rosto agradável e irrepreensível do freguês está se transformando em algo bestial. Os olhos castanhos-claros do freguês estão iluminados; mudaram para um terrível verde faiscante. O freguês grita... mas o grito vacila como o ruído de um elevador avariado e se torna um lamentoso urro de raiva.

Ele - a coisa, a Besta, lobisomem, o que quer que seja - tateia na fórmica polida e derruba um açucareiro. Agarra o cilindro de vidro grosso quando ele rola, espalhando açúcar e, ainda urrando, o arremessa na parede onde estão pregadas as manchetes de jornais.

Alfie rodopia e seu quadril arranca a cafeteira da estante. Ela cai ao chão com ruído e espirra café quente por todo canto, queimando seus tornozelos. Ele grita de dor e medo. Sim, agora ele está apavorado, seus quase cem quilos de bons músculos da Marinha agora estão esquecidos, seu sobrinho Ray está esquecido agora, sua transa no banco traseiro com Arlene McCune está esquecida agora, e há apenas a Besta, aqui e agora como um monstro de filmes de terror do drive-in, um monstro que saiu da tela.

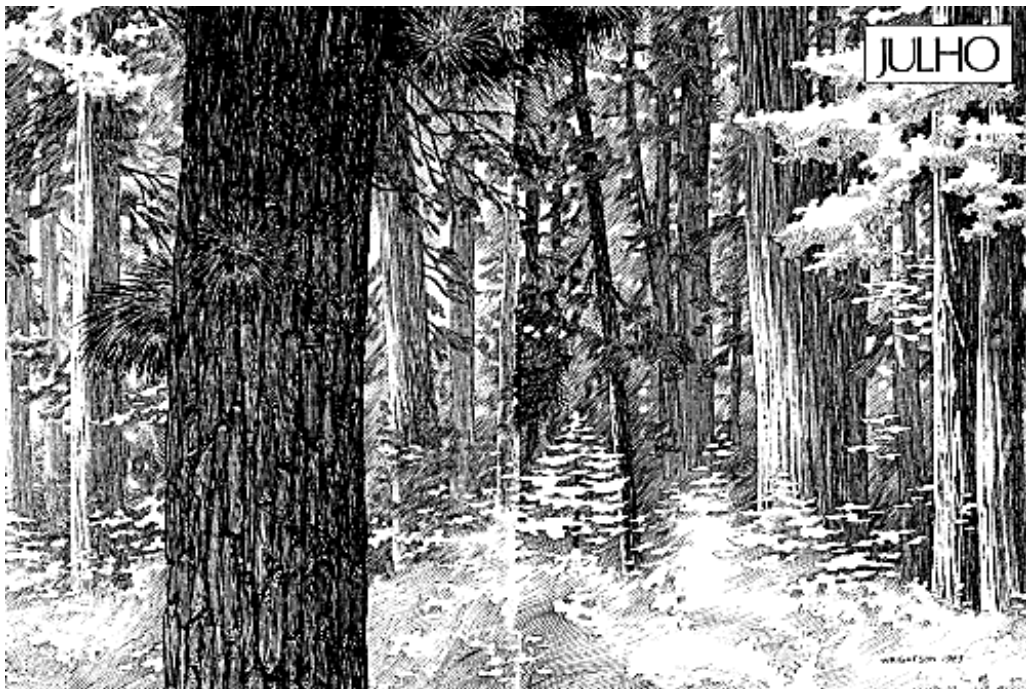
A Besta pula para cima do balcão com uma terrível força muscular, suas calças esfarrapadas, a camisa em trapos. Alfie pode ouvir chaves e moedas tilintando em seus bolsos.

Ela pula sobre Alfie, que tenta se esquivar, mas tropeça na cafeteira e se esborracha sobre o linóleo vermelho. Um outro urro esmagador, uma rajada de um bafo nojento e então uma imensa dor quando as mandíbulas da criatura se fecham sobre os músculos de suas costas e os arrancam com uma força terrível. O sangue espirra pelo piso, pelo balcão, pelo grill.

Alfie cambaleia com um enorme buraco em suas costas; ele tenta gritar e o luar branco, o luar do verão, inunda o ambiente através da janela e confunde seus olhos.

A Besta salta sobre ele novamente.

O luar é a última coisa que Alfie enxerga.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

Cancelaram o 4 de julho.

Marty Coslaw obteve bem pouca simpatia dos seus familiares quando lhes disse aquilo. Talvez tenha sido porque eles simplesmente não entendem a profundidade de sua dor.

- Não seja tolo - sua mãe lhe disse bruscamente - ela é quase sempre brusca com ele e, quando tem de racionalizar sua grosseria para si própria, diz que não quer mimar o garoto só porque ele é aleijado, só porque tem a desculpa de que vai passar o resto de sua vida em uma cadeira de rodas.

- Espere até o próximo ano! - seu pai lhe diz, com uma palmada nas costas. - Em dobro é melhor! Em dobro é bem, bem melhor! Você vai ver, meu parceiro! Ei, ei!

Herman Coslaw é o professor de Educação Física da escola primária de Tarker's Mills e ele quase sempre fala com o filho num tom que Marty chama de voz do "amigão". Ele também diz "Ei, ei!" num tom alto. A verdade é que Marty deixa Herman Coslaw um pouco nervoso. Herman vive num mundo de crianças extremamente ativas, garotos que disputam corridas, jogam beisebol, nadam. E enquanto dirige tudo isso, algumas vezes ele vê Marty nas proximidades, sentado em sua cadeira de rodas, assistindo. Isto deixava Herman nervoso e quando ele ficava nervoso, falava com a voz gutural do "amigão" e dizia "Ei, ei!" ou "de primeira" e chamava Marty de "parceiro".

- Ah, ah, então finalmente você não conseguiu algo que queria! - diz sua irmã mais velha quando ele tenta lhe contar como esperou por esta noite, como ele a espera todo ano, as flores de luz no céu acima das pessoas, os relâmpagos estalando em brilhos seguidos pelo estrondoso eco de um imenso BOOUMM! que soa por entre as colinas que cercam a cidade. Kate tem treze anos, Marty dez, e ela está convencida de que todos amam Marty só porque ele ruão pode andar. Ela está adorando que os fogos tenham sido cancelados.

Nem mesmo vovô Coslaw, que normalmente poderia ser considerado um simpatizante, ficou impressionado. "Ninguém está cancelando o Quatro de Julho, garoto", ele disse com seu forte sotaque eslavo. Estava sentado na varanda e Marty veio em sua cadeira de rodas movida a bateria conversar com ele. Vovô Coslaw sentava olhando a grama irregular em frente aos arbustos, um copo de schnapps em uma das mãos. Isto tinha acontecido em 2 de julho, dois dias atrás.

- Eles apenas cancelaram os fogos. E você sabe por quê.

Marty sabia. O assassino, este era o porquê. Nos jornais eles o chamavam O Assassino da Lua Cheia, mas Marty tinha ouvido montes de falatórios pela estola antes das aulas acabarem para as férias de verão. Um bando de garotos dizia que o Assassino da Lua Cheia não era um homem, mas alguma espécie de criatura sobrenatural. Um lobisomem, talvez. Marty não acreditava naquilo - lobisomens existiam estritamente nos filmes de terror - , mas achava que podia ser algum sujeito maluco que somente sentia necessidade de matar durante a lua cheia. Os fogos tinham sido canelados por causa de

um nojento toque de recolher.

Em janeiro, sentado em sua cadeira de rodas defronte ás portas de vaivém que dão para a varanda, o vento soprando amargos véus de neve sobre a terra gelada, ou em pé na porta da frente, rígido como uma estátua em suas muletas, vendo outros garotos empurrar seus trenós em direção do morro Wright, apenas pensar nos fogos fazia uma grande diferença. Pensar numa noite morna de verão, uma Coca gelada, pensar nas rosas de fogo desabrochando no céu escuro, estrelinhas e uma bandeira americana feita de fogos de artifícios.

Mas agora eles cancelaram os fogos... e, não importa o que digam, Marty sente que foi mesmo o Quatro de Julho - o seu Quatro de julho - que eles mataram.

Apenas tio Al, que apareceu naquela manhã para o tradicional salmão e ervilhas frescas com a família, entendeu. Ele ouviu atenciosamente, encostado na grade da varanda com sua roupa de banho pingando (os outros estavam nadando e rindo na nova piscina dos Coslaws, no outro lado da casa), depois do almoço.

Marty acabou e olhou ansiosamente para tio Al.

- Vê o que eu quero dizer? Entende? Não tem nada a ver com o fato de eu ser aleijado, como Katie diz, ou misturar os fogos com a América, como vovô pensa. Apenas não está certo, quando você espera alguma coisa por tanto tempo... não está certo Victor Bowle e algum conselho comunitário imbecil virem acabar com tudo. Não quando é algo que você realmente precisa. Entende?

Houve uma longa e agoniaste pausa enquanto tio Al considerava o caso de Marty. Tempo suficiente para Marty ouvir o rangido do trampolim na parte mais funda da piscina, seguido pelo tom gutural de papai: "Muito bem, Kate, Ei, ei. Muito bemmmmm... mesmo".

Então tio Al disse calmamente:

- Claro que eu entendi. E tenho algo para você, eu acho. Talvez você possa fazer o seu próprio Quatro de julho.

- Meu próprio Quatro de julho? O que você quer dizer?

- Venha até meu carro, Marty. Tenho algo... bem, eu te mostrarei. - E ele caminhou junto à calçada que circundava a casa antes que Marty pudesse perguntar o que ele queria dizer.

Sua cadeira de rodas zuniu pela calçada em direção à saída, para longe dos sons da piscina - mergulhos, risadas histéricas, o tóoinnng do trampolim. Para longe da voz de "amigão" de seu pai. O som de sua cadeira de rodas era um murmúrio abafado que Marty ouvia com exatidão - toda sua vida aquele som, e o som metálico dos braços da cadeira, tinham sido a música dos seus movimentos.

O carro de tio Al era uma Mercedes conversível. Marty sabia que seus pais

desaprovavam ("Uma ratoeira de vinte e oito mil dólares", sua mãe disse uma vez com uma grosseira fungadela), mas Marty adorava. Uma vez tio Al o levou para um passeio em algumas das estradinhas que riscavam Tarker's Mills e ele dirigira muito rápido - 130 ou 140 por hora. Ele não contara a Marty a velocidade em que estavam indo. "Se você não souber, não ficará assustado", ele dissera. Mas Marty não tinha se assustado. Sua barriga doía no dia seguinte de tanto rir.

Tio Al apanhou algo no porta-luvas e, quando Marty se aproximou, ele colocou um grande pacote enrolado em celofane sobre as pernas imprestáveis do garoto.

- Vamos lá, menino - ele disse. - Feliz Quatro de julho.

A primeira coisa que Marty viu foram exóticos caracteres chineses no rótulo do pacote. Então ele viu o que havia dentro e o coração se apertou em seu peito. A embalagem de celofane estava cheia de fogos de artifício.

- Estes que parecem pirâmides são especiais disse tio Al.

Marty, totalmente atordoado pela alegria, mexeu os lábios, mas não conseguiu dizer nada.

- Acenda os pavios e jogue que eles vão se esparramar em tantas cores quantas há na língua de fogo do dragão. Os tubos com palitos aparecendo são foguetes. Ponha-os em uma garrafa vazia de Coca e eles sobem. Os pequenos são cascatas. Há duas velas romanas também... e, claro, um pacote de bombinhas. Mas é melhor lançar estes amanhã.

Tio Al prestou atenção nos ruídos vindos da piscina.

- Obrigado - Marty finalmente conseguiu pronunciar. - Obrigado, tio Al!

- Só não vá dizer para a mãe onde você os conseguiu - disse tio Al. - Um aceno de cabeça é tão bom quanto uma piscadela para um cavalo cego, certo?

- Certo, certo - Marty balbuciou, apesar de não ter a mínima idéia do que acenos, piscadelas e cavalo cegos tivessem a ver com fogos de artifício. - Mas você está certo que não os quer, tio Al?

- Eu posso conseguir mais - disse tio Al. - Conheço um cara em Bridgton. Ele trabalha até o anoitecer. - Colocou a mão sobre a cabeça de Marty. - Você faz o seu Quatro de Julho depois que todo mundo for para a cama. Não dispare os barulhentos pois vai despertar todos. E, pelo amor de Deus, não estoure sua mão, ou minha irmã nunca mais irá falar comigo.

Então tio Al riu, entrou no carro e fez o motor roncar como algo vivo. Ergueu a mão num abano a Marty e então partiu, quando Marty ainda estava tentando demonstrar sua gratidão. Ele ficou ali por um tempo após a partida do tio, engolindo em seco para não chorar. Então colocou o pacote de fogos por dentro da camisa e zuniu de volta à casa e ao seu quarto. Em sua cabeça, ele já esperava pela chegada da noite e que todos

estivessem dormindo.

Ele é o primeiro a ir para a cama naquela noite. Sua mãe vem e lhe dá um beijo de boa-noite (bruscamente, sem olhar para suas pernas magrelas por debaixo do lençol).

- Você está bem, Marty?

- Sim, mãe.

Ela faz uma pausa como se fosse dizer mais alguma coisa e então dá uma sacudidela de cabeça. Sai.

Sua irmã Kate vem. Ela não o beija; simplesmente encosta a cabeça em seu pescoço para que ele sinta o cheiro de cloro em seus cabelos e sussurra:

- Vê? Você nem sempre consegue o que quer só porque é aleijado.

- Você poderia se surpreender com o que eu consigo - ele diz suavemente, e ela o observa por um momento com uma forte suspeita antes de se retirar.

Seu pai vem por último e senta no lado da cama de Marty. Ele fala com sua estrondosa voz de "amigão".

- Tudo legal, garotão? Você tá caindo na cama muito cedo. Cedo mesmo.

- Só um pouco cansado, papai.

- Certo. - Ele dá uma palmada em uma das pernas inúteis de Marty com sua grande mão, se descompõe inconscientemente e então levanta apressado. Lamento pelos fogos de artifício, mas espere até o próximo ano! Ei, ei! De primeira!

Marty sorri, um rápido e secreto sorriso.

Então começa a espera para que o resto da casa vá para a cama. Muito tempo se passa. A TV vaiem frente, sempre e sempre, na sala de estar, as risadas enlatadas seguidamente acrescidas pelos fricotes risonhos de Katie. A válvula de descarga soa com estrépito seguida do jato de água no banheiro do quarto de vovô. Sua mãe tagarela ao telefone, deseja um feliz Quatro de Julho a alguém, diz sim, é uma vergonha terem cancelado os fogos de artifício, mas ela pensa que, naquelas circunstâncias, todos entenderam por que tinha de ser assim. Sim, Marty ficara desapontado. Uma vez, perto do fim da conversa, ela ri e, quando ela ri, não parece nada brusca. Ela raramente ri perto de Marty.

E assim, enquanto as sete e meia se transformam em oito e nove, sua mão tateia debaixo do travesseiro para se certificar de que o pacote de celofane com os fogos ainda está ali. Por volta de nove e meia, quando a lua está bastante alta para penetrar por sua janela e inundar o quarto com sua luz prateada, a casa finalmente começa a se acalmar.

A TV é desligada. Katie vai para a cama, reclamando que todos seus amigos ficam

acordados até tarde no verão. Depois que ela se vai, os pais de Marty sentam na sala um pouco mais, sua conversa reduzida a murmúrios. E...

...e talvez ele tenha dormido, pois quando toca de novo o maravilhoso saco de fogos percebe que a casa está totalmente silenciosa e a lua mais brilhante - brilhante o suficiente para projetar sombras. Ele apanha o saco junto com o pacote de fósforos que pegou mais cedo. Põe a camisa do pijama para dentro das calças; enfia o saco e os fósforos por dentro da camisa e se prepara para deixar a cama.

É uma operação para Marty, mas não dolorosa, como as pessoas à vezes parecem pensar. Não há sensações de qualquer espécie em suas pernas, portanto, não há dor. Ele segura a cabeceira da cama, forçando o corpo a sentar, então joga as pernas para a beirada, uma de cada vez. Ele faz isso com uma mão só, usando a outra para segurar o trilho que começa na cama e se estende ao redor de todo o quarto. Uma vez ele tentou mover as pernas com ambas as mãos e acabou caindo de cabeça no chão. O acidente fez com que todos viessem correndo. "Seu estúpido exibido!", Kate sussurrou em seu ouvido depois de ele ter sido colocado na cadeira, um pouco trêmulo, mas rindo loucamente apesar do arranhão em uma das têmporas e o lábio cortado. "Você quer se matar, hein?" E então ela saiu correndo do quarto, chorando.

Uma vez sentado na beira da cama, ele limpa as mãos no casaco para ter certeza de que elas estão secas e não vão escorregar. Então usa o trilho para ir, palmo a palmo, até a cadeira de rodas. Suas inúteis pernas ressequidas, um verdadeiro peso morto, se arrastam a seu comando. O luar reluz o bastante para projetar sua sombra, nítida e frágil, no chão a sua frente.

Sua cadeira de rodas está travada e ele se joga sobre o assento, confiante. Pára por um instante, prendendo a respiração, ouvindo o silêncio da casa. Não dispare nenhum dos barulhentos esta noite, tio Al disse, e, ouvindo o silêncio, Marty sabe que ele estava certo. Ele vai ter um Quatro de julho por si próprio e somente para si próprio e ninguém saberá. Pelo menos não até amanhã, quando eles virem os cartuchos enegrecidos das estrelinhas e as cascatas pela varanda e então não terá mais importância. Tantas cores quantas existem na língua de fogo do dragão, tio Al tinha dito. Mas Marty supõe que não há qualquer lei contra um dragão que solte chamas silenciosamente.

Ele destrava a cadeira e puxa a chave de força. O pequeno olho âmbar, aquele que mostra se a bateria está carregada, brilha na escuridão. Marty empurra a alavanca para VIRAR À DIREITA. A cadeira faz uma rotação à direita. Ei, ei. Quando está voltado para as portas da varanda, ele empurra o controle para a posição de AVANÇAR. A cadeira se move para a frente, zumbindo baixinho.

Marty desliza os trincos da porta dupla, aperta o AVANÇAR novamente e sai. Abre o maravilhoso saco de fogos e se detém rapidamente, encantado com a noite de verão'- o sonolento cricri dos grilos, a lenta e perfumada brisa que praticamente acaricia as folhas das árvores no limite do bosque, o quase sobrenatural brilho da lua.

Ele não pode esperar mais. Puxa uma tira de fogos, risca um fósforo, acende o estopim e observa num silêncio pesado enquanto eles espargem uma chama verde azulada e crescem magicamente, se retorcendo e cuspindo chamuscas pelo rabo.

O Quatro de Julho, ele pensa, os olhos brilhantes. O Quatro de Julho, feliz Quatro de Julho para mim.

A serpente de fogos diminui o brilho, tremula, se esvai. Marty acende um dos que têm forma de triângulo, soltando um fogo tão amarelo quanto a cor da camisa de sorte que seu pai usa no golfe. Antes que se apague, ele acende um segundo que desprende uma luz vermelha como as rosas que crescem ao lado da cerca ao redor da piscina nova. Agora um maravilhoso aroma de pólvora queimada enche a noite para ser apanhado pelo vento e levado embora lentamente.

Cegamente, suas mãos puxam o pacote achatado das bombas e ele já o abriu antes mesmo que percebesse que acender estes seria uma calamidade - seus estrondos estremecedores e estrepitosos de revólver despertariam a vizinhança inteira: fogo, inundação, alarme, evacuação. Tudo isso e um garoto de dez anos chamado Martin Coslaw trancado na casa do cachorro até o Natal, provavelmente.

Ele repõe as bombas em seus estojos, remexe alegremente o saco outra vez, e retira o maior dos fogos coloridos - um tipo Classe A, se é que existe isto. É tão grande quanto seu punho fechado. Ele o acende numa mescla de medo e prazer, e o atira.

Um fogo vermelho tão brilhante quanto o fogo do inferno toma a noite... e é através do seu brilho febril e inquieto que Marty vê os ramos dos arbustos abaixo da varanda serem sacudidos e divididos. Há um ruído leve, meio tosse, meio grunhido. A Besta aparece.

Pára por um momento à beira da grama baixa e parece farejar o ar... e então começa a cruzar desordenadamente o chão desnivelado em direção ao lugar onde Marty está sentado em sua cadeira de rodas, os olhos arregalados, o tronco colando contra o encosto de lona da cadeira. A Besta vem curvada, mas caminha nitidamente sobre suas duas patas traseiras. Caminhando da maneira que um homem caminharia. A luz vermelha dos fogos perpassa infernalmente seus olhos verdes.

Move-se lentamente, suas largas narinas bufam ritmadamente. Farejando a presa, quase farejando a fraqueza da presa. Marty pode sentir o odor - o pêlo, o suor, a selvageria. Grunhidos, novamente. O grosso lábio superior cor de fígado, arreganhado, mostra seus dentes fortes, quase presas. Seu pêlo é colorido de um vermelho-prateado frio.

Está quase alcançando o garoto - as mãos com garras, mãos, a um só tempo, humanas e não-humanas, em busca de sua garganta - quando ele lembra do pacote de bombas. Quase sem se dar conta do que está fazendo, risca um fósforo e o aproxima do pavio principal. O pavio cospe uma linha quente de faíscas vermelhas que chamuscam os pêlos das costas de suas mãos, crispando-as. O lobisomem, momentaneamente descontrolado, recua, lançando um grunhido que, como suas mãos, é quase humano. Marty joga o pacote de bombas em seu rosto.

Elas vão explodindo, um faiscante trem de luz e som. A Besta emite um rugido de dor e raiva; recua, as patas tentando evitar as explosões que tatuam pontos de fogo e pólvora ardente em seu rosto. Marty vê um de seus olhos verdes se desfazer no ar quando quatro bombas estouram juntas com um estrondoso CABULJUMMM!, bem do lado do

focinho. Agora os gritos são pura agonia. Com as patas sobre o rosto, abaixando-se, quando as primeiras luzes se acendem na casa dos Coslaw, foge pela grama em direção aos arbustos, deixando atrás de si apenas um odor de pêlo chamuscado e os primeiros gritos apavorados e descontrolados vindos da casa.

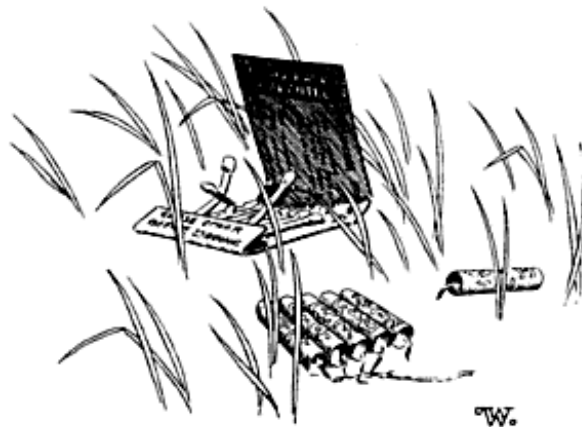
- O que foi? - é a voz de sua mãe não parecendo nada brusca.

- Quem era, maldição? - pergunta o pai, não parecendo muito com o "amigão".

- Marty? - é a voz de Kate, trêmula, não parecendo tão empolada. - Marty, você está bem?

Vovô Coslaw dorme apesar de tudo.

Marty empurra sua cadeira de rodas enquanto o grande fogo vermelho vai se extinguindo. Sua luz é agora mais suave e adoravelmente rosada como um amanhecer antecipado. Ele está chocado demais para chorar. Mas seu choque não é apenas emocional, apesar de que, no dia seguinte, seus pais o enviarão para uma visita a tio Jim e tia Ida lá em Stowe, Vermont, onde ele ficará até o final das férias de verão (a policia concorda; eles acham que O Assassino da Lua Cheia pode tentar atacar Marty outra vez, e silenciá-lo). Ele está exultante. É algo mais forte que o choque. Ele olhou a terrível face da Besta e sobreviveu. E há uma simples e infantil alegria nele, bem como um júbilo tranqüilo, que ele é incapaz de transmitir a qualquer um mais tarde, nem mesmo a tio Al, que poderia entender. Ele sente essa alegria porque os fogos aconteceram, afinal de contas.

E enquanto seus pais se questionavam, se interrogavam sobre sua saúde mental e se ele não ficaria com traumas dessa experiência, Marty Coslaw passou a acreditar do fundo do coração que aquele foi o melhor Quatro de Julho de todos.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

- Claro, eu penso que é um lobisomem - diz o comissário Neary. Ele fala muito alto - talvez acidentalmente, mais acidentalmente do que pretende - e toda a conversa na barbearia de Stan se extingue. Agosto já vai pela metade, o agosto mais quente que alguém pode lembrarem Tarker s Mills em anos, e esta noite a lua estará cheia pelo segundo dia. Então a cidade prende a respiração, esperando.

O comissário Neary dá uma olhada na audiência e prossegue de seu lugar, a cadeira do meio de Stan Pelky, falando consistentemente, falando judicialmente, falando psicologicamente, do fundo de sua educação de segundo grau (Neary é um sujeito grande e musculoso e na escola ele mais fez pontos para os Tigres de Tarker's Mills do que outra coisa; seus trabalhos escolares lhe deram alguns conceitos C e não poucos D).

- Há caras que são como duas pessoas - ele lhes diz. - Uma espécie de dupla personalidade. Eles são o que eu chamo de esquizofrênicos de merda.

Ele faz uma pausa para apreciar o respeitoso silêncio que saúda sua declaração e continua:

- Esse cara, eu acho que ele é assim. Acho que ele não sabe o que está fazendo quando a lua está cheia e ele sai para matar alguém. Ele pode ser qualquer um - um caixa do banco, um frentista de um daqueles postos de gasolina lá da estrada municipal, talvez alguém que esteja aqui neste momento. Quanto a ser um animal por dentro e parecer perfeitamente normal por fora, sim, podem apostar que é isso. Mas se vocês querem saber se eu acho que é um cara que tem pêlos e uiva para a lua... não. Isso é conversa de garotos.

- E sobre o garoto dos Coslaw, Neary? - Stan pergunta, continuando o trabalho cuidadosamente na parte mais carnuda do pescoço de Neary. Sua longa e afiada tesoura fazendo clic... clic... clic.

- Apenas prova o que eu disse - responde Neary um tanto exasperado. - Conversa de garotos.

Na verdade, ele se sente exasperado por causa do que aconteceu com Marty Coslaw. Ali, naquele garoto, está a primeira testemunha ocular do pervertido que matou seis pessoas em sua cidade, incluindo o grande amigo de Neary, Alfie Knopfler. E deixaram que ele interrogasse o garoto? Não. Ele ao menos sabe onde está o garoto? Não. Ele tem que se virar com uma cópia de depoimento que a Policia Estadual lhe forneceu e tem que se curvar e quase implorar para conseguir isso. Tudo porque ele é um policial de cidade pequena e a Policia Estadual pensa nele como um policial mirim, incapaz de amarrar seus próprios sapatos. Tudo porque ele não usa um daqueles fodidos chapéus de guarda florestal. E o depoimento! Ele podia muito bem usá-lo para limpar a bunda. Conforme o garoto dos Coslaw, a "besta" media uns dois metros e dez centímetros, estava despida e coberta de pêlos escuros por todo o corpo. Tinha grandes dentes e olhos verdes e fedia como um monte de merda de pantera. Tinha patas, mas as patas pareciam mãos. Ele achava que tinha um rabo. Um rabo, Jesus Cristo.

- Talvez - diz Kenny Franklin sentado em uma das cadeiras enfileiradas junto à parede - ,talvez seja alguma espécie de disfarce que esse camarada coloque. Como uma máscara ou coisa assim, vocês sabem.

- Eu não acredito nisto - diz Neary enfaticamente, sacudindo a cabeça para enfatizar sua opinião. Stan tem de afastar a tesoura apressadamente para evitar que uma das lâminas atinja aquela massa carnuda na nuca de Neary. - Não, senhor! Eu não acredito nisso! O garoto ouviu um monte dessas histórias de lobisomens na escola antes das férias - ele admitiu - e então ficou pensando naquilo... remoendo em sua cabeça. É tudo psicológico, podem ver. Porque se tivesse sido você que tivesse saído dos arbustos ao luar, ele pensaria que você era um lobo, Kenny.

Kenny ri com dificuldade.

- Não - Neary diz sombriamente. - O testemunho do garoto não serve para nada.

Em sua aversão e desapontamento pelo depoimento tomado de Marty Coslaw na casa de seus tios em Stowe, o comissário Neary tinha também dado uma olhada nesse trecho: "Quatro delas estouraram ao lado de sua face - eu acho que você chamaria aquilo de face ao mesmo tempo, e eu acho que arrancaram seu olho. Seu olho esquerdo".

Se o comissário Neary tivesse prestado mais atenção nesse detalhe - e ele não tinha - teria rido mais contidamente, pois, naquele quente e inanimado agosto de 1984, havia apenas uma pessoa na cidade usando um tapa-olho, e era simplesmente impossível pensar naquela pessoa, entre todas as outras, como sendo o assassino. Neary acreditaria que sua mãe era o assassino antes deter acreditado nisto.

- Somente uma coisa pode resolver este caso diz o comissário Neary, apontando seu dedo para os quatro ou cinco homens sentados em cadeiras encostadas à parede, esperando para o corte de cabelo do sábado de manhã - e é um bom trabalho policial. E eu pretendo ser o cara que vai fazê-lo. Aqueles estaduais de chapelão vão rir amarelo quando eu prender o sujeito. - O rosto de Neary fica sonhador. - Qualquer um - ele diz. Um caixa do banco... um bombeiro... algum sujeito com quem você bebe no bar. Mas um bom trabalho policial vai resolver. Guardem minhas palavras.

Mas o bom trabalho policial do comissário Neary chega ao fim naquela noite quando um braço peludo, prateado pela lua, entra pela janela aberta de sua pickup Dodge enquanto ele está estacionado no cruzamento de duas estradinhas a oeste de Tarker's Mills. Há um grunhido em tom grave, bufante, e um odor selvagem, horripilante - como aquele cheiro que a gente percebe na jaula dos leões, no zoológico.

Seu rosto é puxado para o lado e ele se depara com um olho verde. Vê a pelugem, o negro e sombrio focinho. E quando o focinho é arreganhado, ele vê os dentes. A besta mete a pata como se brincasse e uma das bochechas é arrancada em um golpe, deixando à mostra os dentes do lado direito. O sangue espirra por toda parte. Ele pode senti-lo correndo pelo ombro da camisa, morno. Ele grita, ele grita sem boca e sem bochecha. Sobre o ombro poderoso da besta ele pode ver a lua, inundando tudo com uma luz branca.

Ele esquece tudo sobre seu rifle e o 45 no seu cinturão. Esquece tudo sobre como esta porra de coisa é psicológica. Esquece tudo sobre bom trabalho policial. Sua mente se fixa em algo que Kenny Franklin disse na barbearia naquela manhã. Talvez seja alguma espécie de disfarce que esse camarada coloque. Como uma máscara ou algo assim, vocês sabem.

E assim, enquanto o lobisomem procura pela garganta de Neary, Neary procura seu rosto, as duas mãos grudam no pêlo áspero e puxam, esperando desesperadamente que a máscara escorregue e caia - haverá o estalo de um elástico arrebentado, o som da rasgadura do látex, e ele verá o assassino.

Mas nada acontece - nada exceto o rugido de dor e raiva da besta. Ela o atinge com as garras da mão sim, ele pode ver que é uma mão, mesmo cuidadosamente disfarçada, uma mão, o garoto estava certo - e escancara sua garganta. O sangue se espalha em jatos sobre o pára-brisa e o painel da camioneta; respinga para dentro da garrafa de cerveja entre as pernas do comissário Neary.

A outra mão do lobisomem se atraca no recente corte de cabelo de Neary e puxa metade do seu corpo para fora da cabine da pick-up. A besta uiva em triunfo e então enterra seu focinho no pescoço de Neary. Se alimenta enquanto a cerveja verte da garrafa virada e borbulha pelo chão entre os pedais da camioneta.

É demais para a psicologia.

É demais para um bom trabalho policial.

SETEMBRO

Enquanto o mês avança e a noite de lua cheia se aproxima, o povo amedrontado de Tarker's Mills espera que o calor diminua, mas isso não acontece. No mundo lá fora, os campeonatos de beisebol são decididos um por um e a temporada de futebol começou; nas Rochosas canadenses, informa o velho Willard Scott ao povo de Tarker's Mills, trinta centímetros de neve caem em 21 de setembro. Mas neste canto do mundo, o verão se prolonga. A temperatura fica por volta dos 30 graus durante o dia; os garotos, de volta às aulas há três semanas e nada felizes em ficarem sentados abatidos pelo abafamento das salas de aula onde os relógios parecem ter sido programados para avançar um minuto por cada hora de tempo real. Maridos e mulheres discutem à toa por nenhuma razão, e no Posto O'Neil na estrada municipal, próximo ao trevo de acesso à cidade, um turista começa um bate-boca com Pucky O'Neil sobre o preço da gasolina e Pucky acerta o camarada com o manete da mangueira. O camarada, que é de Nova Jérsei, leva quatro pontos no lábio superior e parte praguejando sobre legislação e questões judiciais.

- Eu não sei por que ele está xingando tanto Pucky comenta impassível naquela noite no The Pub. - Eu apenas o atingi com metade de minha força, sabe? Se eu o tivesse atingido com toda minha força, teria rasgado aquela sua boca espertinha. Certo?

- Claro - diz Billy Robertson, pois Pucky parece qua vai atingi-lo com toda sua força se ele discordar. Que tal outra cerveja, Pucky?

- Seu beatão - diz Pucky.

Milt Sturmfuller põe sua mulher no hospital por causa de um pedaço de ovo que o lava-louças não desgrudou de um dos pratos. Ele dá uma olhada naquela mancha amarela ressequida no prato em que ela serve seu almoço e acerta uma porrada nela. Como Pucky O'Neil diria, Milt a atinge com toda sua força.

- Sua puta imunda, ele diz em pé ao lado de Donna Lee estendida no chão da cozinha, o nariz quebrado e sangrando, a nuca também sangrando. - Minha mãe costumava manter os pratos limpos e ela nem sequer tinha um lava-louças. Que que há com você?

Mais tarde, Milt irá dizer ao médico na sala de emergência do Hospital Geral de Portland que Donna Lee caiu de uma escada. Donna Lee, horrorizada e acovardada após nove anos de guerra conjugal, irá confirmar.

Por volta das sete da noite de lua cheia, um vento sopra - o primeiro vento agradável daquele longo verão. Traz um bando de nuvens do norte e por um momento a lua brinca de esconder com aquelas nuvens, aparecendo e desaparecendo, transformando suas bordas num prateado pálido. Então as nuvens engrossam e a lua desaparece... mas ainda está lá; as marés sentem sua força a uns trinta quilômetros de Tarker's Mills e o mesmo sente a Besta, próxima ao lar.

Por volta das duas da madrugada, um guincho apavorante se eleva do chiqueiro de Elmer Zinneman na rodovia Oeste, a cerca de quinze quilômetros da cidade. Elmer

procura seu rifle, vestindo apenas as calças de pijama e chinelos. Sua esposa, que era quase bonita quando

Elmer casou com ela aos dezesseis anos, em 1947, suplica, implora e chora, querendo que ele fique com ela, querendo que ele não vá lá fora. Elmer a sacode e segura sua arma pelo cano. Seus porcos não estão apenas guinchando; eles estão gritando. Parecem um bando de garotas surpreendidas por um maníaca numa festa sonolenta. Ele vai, nada pode impedi-lo de ir, ele diz a ela... e então fica estático, a mão calosa sobre a maçaneta da porta dos fundos, quando um uivo cortante cresce em triunfo. É um uivo de lobo, mas há algo de humano naquele uivo que faz com que sua mão abandone a maçaneta e ele permite que Alice Zinneman o empurre de volta à sala de estar. Ele coloca os braços ao seu redor e a conduz ao sofá e eles sentam como duas crianças assustadas.

Agora a gritaria dos porcos começa a fraquejar e pára. Sim, eles param. Um por um, eles param. Seus guinchos morrem em sons roucos e engasgados de sangue. A Besta uiva outra vez, seu grito eloqüente como a lua. Elmer vai até a janela e vê algo - ele não sabe dizer o que - desaparecendo nas profundezas da escuridão.

A chuva chega mais tarde, se lançando contra as janelas enquanto Elmer e Alice sentam lado a lado na cama, todas as luzes do quarto acesas. É uma chuva gelada, a primeira chuva verdadeira do outono, e amanhã a primeira mudança de cor terá atingido as folhas.

Elmer encontra o que ele espera em seu chiqueiro: matança. Todas suas nove reprodutoras e ambos os cachaços estão mortos - estripados e parcialmente comidos. Jazem na lama, a chuva gelada caindo sobre suas carcaças, os olhos salientes fixos no céu frio do outono.

O irmão de Elmer, Pete, chamado em Minot, está ao lado de Elmer. Eles não falam por um longo tempo e então Elmer diz exatamente o que se passa na mente de Pete.

- O seguro cobrirá parte disso. Não tudo, mas parte. Eu acho que posso assumir o resto. Melhor que sejam meus porcos do que outra pessoa.

Pete concorda. - Já foi o bastante - ele diz num murmúrio que quase não pode ser escutado sob a chuva.

- O que você quer dizer?

- Você sabe o que eu quero dizer. Na próxima lua cheia deve haver quarenta homens na rua... ou sessenta... ou cento e sessenta. É hora das pessoas pararem de andar por aí fingindo que nada está acontecendo, quando qualquer imbecil pode ver. Olhe ali, pelo amor de Deus.

Pete aponta para baixo. Ao redor dos porcos chacinados, a terra macia do chiqueiro está cheia de grandes pegadas. Parecem pegadas de lobo... mas elas também parecem estranhamente humanas.

- Você vê essas pegadas fodidas?

- Eu as vejo - Elmer concorda.

- Você pensa que alguma doce garotinha deixou essas pegadas?

- Não. Eu acho que não.

- Um lobisomem fez essas pegadas - diz Pete. Você sabe disso, Alice sabe disso, a maioria das pessoas nessa cidade sabe disso. Inferno, até eu sei disso, e eu vim do condado vizinho. - Ele olha o irmão, seu rosto obstinado e severo, o rosto de um puritano da Nova Inglaterra de 1650. E repete: - Já foi o bastante. Já era tempo dessa coisa ter acabado.

Elmer medita longamente enquanto a chuva continua a cair sobre os dois homens, e então ele aceita. Concordo. Mas não na próxima lua cheia.

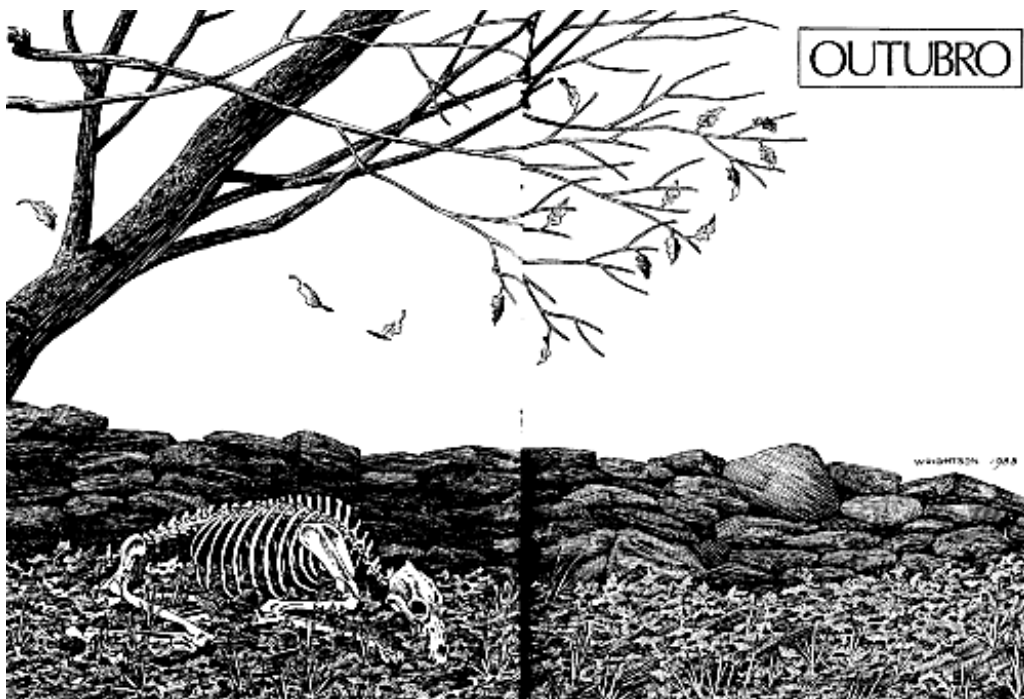
- Você quer esperar até novembro?

Elmer concorda. - Bosques desfolhados. Melhores pistas, se a gente tiver um pouco de neve.

- E com relação ao mês que vem?

Elmer Zinneman olha seus porcos estraçalhados no chiqueiro ao lado do celeiro. Então olha para seu irmão Pete.

- É melhor as pessoas se cuidarem - diz.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

Quando Marty Coslaw volta para casa depois dos festejos do Dia das Bruxas com as baterias de sua cadeira de rodas totalmente gastas, vai direto para a cama, onde rola desperto até que uma meia luz ascenda num céu fio inundado de estrelas que brilham como cacos de diamantes. Lá fora, na varanda onde sua vida foi salva pelos fogos do Quatro de julho, um vento arrepiante sopra as folhas escuras num redemoinho, um saca-rolhas sem alvo sobre as lajes. Elas chacoalham como velhos ossos. A lua cheia de outubro veio e se foi de Tarker's Mills sem nenhum novo assassinato, o segundo mês seguido que isso acontece. Alguns moradores Stan Pelky, o barbeiro, é um, e Cal Blodwin, dono da concessionária Chevrolet, única loja de carros da cidade, é outro - acreditam que o terror acabou; o assassino era um sem-rumo, um vagabundo vivendo nos bosques, e agora se foi, como eles disseram que ele faria. Outros, no entanto, não têm tanta certeza. São aqueles que sabem sobre os quatro veados encontrados aos pedaços próximo ao trevo um dia após a lua cheia de outubro, e sobre os onze porcos de Elmer Zinneman, mortos na lua cheia de setembro. A discussão recrudesce entre cervejas no The Pub durante as longas noites do outono.

Mas Marty Coslaw sabe.

Esta noite ele saiu para as travessuras ou gostosuras com seu pai (seu pai gosta do Dia das Bruxas, gosta do frio áspero, gosta de rir sua barulhenta risada de "amigão" e bramir coisas idiotas como "Ei, ei!" e 'Trrrimmm!" quando as portas se abrem e os rostos familiares de Tarker's Mills espiam para fora). Marty foi de Yoda, uma grande máscara de borracha enfiada na cabeça e um volumoso robe com o qual cobria suas pernas aleijadas. "Você sempre consegue tudo o que quer", Kade diz com uma virada de cabeça quando vê a máscara... mas ele sabe que ela não está realmente zangada (e, como para provar isso, ela lhe faz um artístico bastão curvado igual ao de Yoda para completar o disfarce), mas talvez triste porque agora ela é considerada muito velha para participar das brincadeiras. Em vez disso, ela irá a uma festa com seus colegas de escola. Dançará músicas de Donna Summer, mordiscará maçãs penduradas e, mais tarde, as luzes serão diminuídas para um jogo de girar a garrafa e ela provavelmente beijará algum garoto, não porque queira, mas porque será divertido troçar a respeito com suas amiguinhas de sala de aula no dia seguinte.

O pai de Marty o leva no furgão porque o furgão tem uma rampa escamoteável pela qual ele sobe e desce Marty. Marty rola rampa abaixo e então zune pelas ruas para cima e para baixo com sua cadeira. Carrega o saco no colo e eles vão a todas as casas na sua rua e a algumas no centro da cidade: os Collins, os MacInnes, os Manchesters, os Millikens, os Eastons. Há uma travessa cheia de cereais doces no The Pub. Chocolates na paroquia da Igreja Congregacional e mais doces na paróquia batista. Então, em frente, para os Randolphs, os Quinns, e uma dúzia, duas dúzias mais. Marty volta para casa com o saco de doces estourando... e uma ponta de pavor, um conhecimento quase inacreditável.

Ele sabe.

Ele sabe quem é o lobisomem.

A certa altura da peregrinação de Marty, a própria Besta, então segura entre as luas da insanidade, jogou chocolate em seu saco, sem saber que a face de Marty ficou mortalmente pálida sob sua máscara de Yoda, ou que, debaixo das luvas, seus dedos estão agarrando o bastão de Yoda com tanta força que a parte de baixo das unhas está branca. O lobisomem sorri para Marty, e afaga sua cabeça de borracha.

Mas é o lobisomem. Marty sabe, e não apenas porque o homem está usando um tapa-olho. Há algo mais - alguma semelhança vital entre o rosto humano deste homem e a cara rosnante do animal que ele viu naquela noite de verão prateada quase quatro meses atrás.

Desde que voltara de Vermont para Tarker's Mills um dia depois do Dia do Trabalho, Marty tem se mantido atento, certo de que verá o lobisomem cedo ou tarde, e certo de que o reconhecerá quando o vir porque o lobisomem será um homem caolho. Entretanto, os policiais sacudiram a cabeça e disseram que eles iriam checar, quando ele lhes disse que tinha quase certeza de ter arrancado um dos olhos do lobisomem. Marty podia dizer que eles realmente não acreditaram nele. Talvez fosse porque ele é apenas um garoto, ou talvez porque eles não estavam lá naquela noite de julho quando a confrontação se deu. De qualquer forma, não importa. Ele sabia que seria assim.

Tarker's Mills é uma cidade pequena, mas espalhada, e até esta noite Marty não tinha visto nenhum caolho e nem tinha ousado fazer perguntas; sua mãe já está bastante preocupada que o episódio de julho pudesse tê-lo marcado para sempre. Ele teme que se tentar qualquer investigação por conta própria ela eventualmente acabará sabendo. Além disso - Tarker's Mills é uma cidade pequena. Cedo ou tarde ele verá a Besta com seu rosto humano.

Voltando para casa, o sr. Coslaw (preceptor Coslaw, para suas centenas de alunos, antigos e atuais) pensa que Marty está tão quieto porque a noite e as andanças o deixaram cansado. Na verdade, não é isso. Marty nunca - a não ser na noite do maravilhoso saco de fogos - se sentiu tão desperto e vivo. E seu principal pensamento é este: foram precisos quase sessenta dias depois de voltar para casa até descobrir a identidade do lobisomem porque ele, Marty, é um católico e freqüenta a igreja de Santa Maria nos limites da cidade.

O homem com o tapa-olho, o homem que colocou uma barra de chocolate em seu saco e então sorriu e afagou sua cabeça de borracha, não é um católico. Longe disso. A Besta é o reverendo Lester Lowe, da Igreja Batista da Graça.

Inclinado para fora da porta, sorrindo, Marty vê o tapa-olho claramente na luz amarela da lâmpada que cruza pela porta; ele dá ao miúdo reverendo um ar quase de pirata.

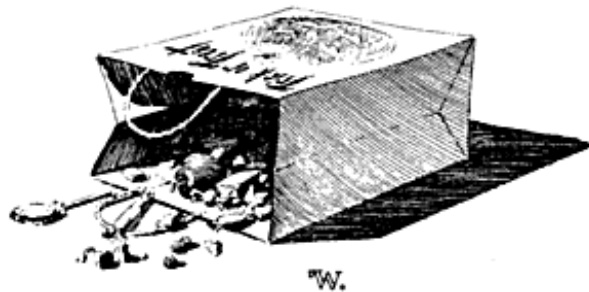
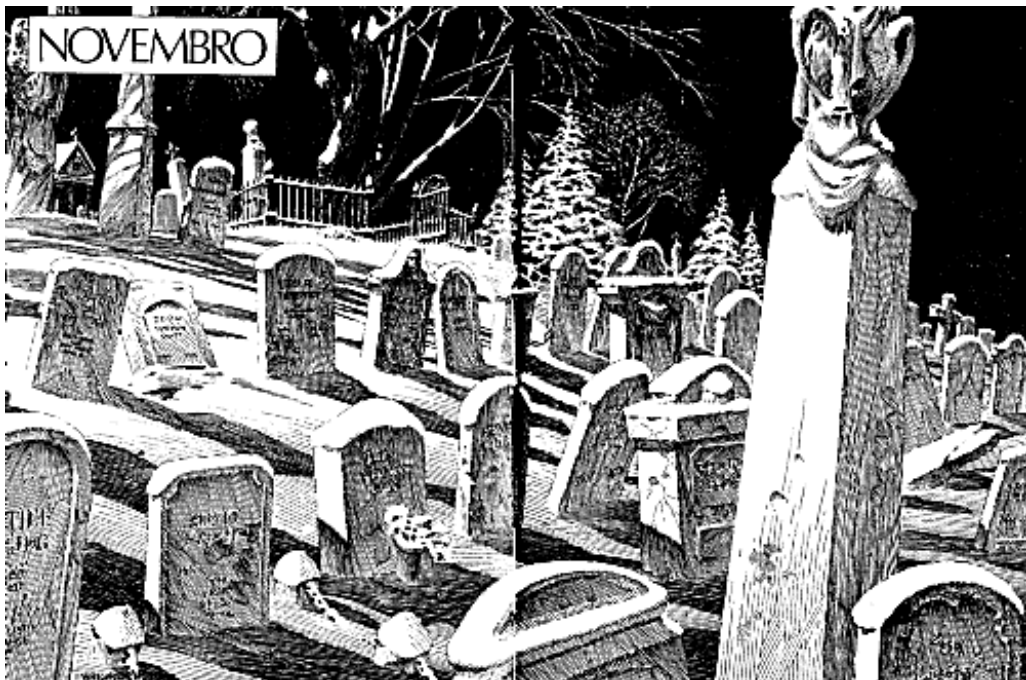
- Lamento sobre seu olho, reverendo Lowe - o sr. Coslaw disse com sua estrondosa voz de "amigão". - Espero que não seja nada sério.

O reverendo Lowe dá um sorriso sofrido. Na verdade, ele disse, tinha perdido o olho. Um tumor benigno; tinha sido necessário remover o olho para se chegar ao tumor. Mas era a vontade do Senhor e ele estava se adaptando bem. Ele tinha afagado a máscara de

Marty novamente e dito que conhecia alguns que tinham cruzes mais pesadas para carregar.

E agora Marty rola na cama, ouvindo o vento de outubro cantar lá fora, sacolejando as últimas folhas da estação, assobiando levemente através dos olhos escavados nas abóboras que flanqueiam o passeio dos Coslaws, observando a meia-lua atravessar o céu estrelado. A questão é: O que ele faz agora?

Ele não sabe, mas tem absoluta certeza de que, na hora, a resposta virá.

Ele dorme o profundo e sem sonhos sono dos muito jovens, enquanto, do lado de fora, o rio de vento sopra sobre Tarker's Mills, levando outubro e trazendo um gelado novembro pontuado de estrelas, um mês de outono férreo.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

O final de ano sombreado, novembro de um escuro-chumbo, chega a Tarker's Mills. Um estranho êxodo parece se dar na rua principal. O reverendo Lester Lowe observa da porta da paróquia batista; ele apenas saiu para apanhar a correspondência e segura seis circulares e uma única carta em sua mão, olhando a formação de safári dos caminhões empoeirados - Fords e Chevrolets e International Harvesters - serpentear em seu rumo para fora da cidade.

A neve está vindo, a meteorologia diz, mas aqueles não são fugitivos da borrasca, procurando por climas mais amenos; você não vai para uma praia dourada da Flórida ou Califórnia vestindo sua jaqueta de caça e sua arma à mão na cabina e seus cães na carroceria. Este é o quarto dia em que os homens, guiados por Elmer Zinneman e seu irmão Pete, partem com cães e armas e grande quantidade de cerveja. É uma moda que pegou quando a lua cheia se aproxima. A estação de pássaros acabou, a estação dos gamos também. Mas ainda é estação aberta para lobisomens, e a maioria desses homens, por trás de um disfarçado estilo "ponham as carroças em círculo", estão se divertindo a valer. Como o preceptor Coslaw poderia ter dito, é uma grande zorra!

Alguns dos homens, o reverendo Lowe sabe, estão fazendo nada mais do que se divertir; eis ali uma chance de ir para o mato, empinar cervejas, mijar nas moitas, contar piadas sobre polacos, sapos e negros, atirar em esquilos e corvos. Eles são os verdadeiros animais, pensa Lowe, a mão inconscientemente tocando o tapa-olho que ele tem usado desde julho. Alguém atirará em alguém, provavelmente. Eles têm sorte de isto ainda não terá conhecido.

O último dos caminhões some de vista sobre o morro Tarker, buzinando, cães rosnando e latindo na carroceria. Sim, alguns dos homens estão só se divertindo, mas alguns - Elmer e Pete Zinneman, por exemplo - estão mortalmente sérios.

Se aquela criatura, homem, besta ou seja lá o que for, for caçar este mês, os cães farejarão seu cheiro, o reverendo Lowe ouviu Elmer dizer na barbearia menos de duas semanas atrás. E se aquilo - ou ele - não aparecer, então talvez nós tenhamos salvo uma vida. Uma vida poupada pelo menos.

Sim, há alguns deles - talvez uma dúzia, talvez duas dúzias - que falam sério. Mas não foram eles que colocaram aquela estranha sensação nova na cabeça de Lowe - aquela sensação de estar sendo levado à armadilha.

Foram os bilhetes que fizeram isso. Os bilhetes, o mais longo deles com apenas duas frases, escritos em uma caligrafia infantil, mão cuidadosa, às vezes mal escrita. Ele olha para a carta que chegou hoje, endereçada na mesma escrita infantil, endereçada como as outras tinham sido: Ao Reverendo Lowe, Paróquia Batista, Tarker's Mills, Maine, 04491.

Agora, essa estranha sensação de armadilha... a maneira como, ele imagina, uma raposa deve se sentir quando entende que os cães, de alguma maneira, a colocaram num beco sem saída. Aquele momento de pânico em que a raposa se vira, dentes à mostra, para a

batalha com os cães que, certamente, a farão em pedaços.

Ele fecha a porta com firmeza, vai até o parlatório onde o relógio do avô marca solenes tics e solenes tacs; ele senta, põe as circulares religiosas cuidadosamente à parte sobre a mesa que a senhora Miller lustra duas vezes por semana, e abre a nova carta. Como as outras, não há qualquer saudação. Como as outras, não está assinada. Escrita no centro de uma folha arrancada de um bloco escolar pautado, está a frase:

Por que você não se mata?

O reverendo Lowe põe a mão na testa - estremece levemente. Com a outra mão amassa a folha de papel e a coloca no grande cinzeiro de vidro no centro da mesa (o reverendo Lowe faz todos os seus aconselhamentos no parlatório e alguns dos seus perturbados paroquianos fumam). Apanha uma caixa de fósforos no blusão que ele usa em casa nos sábados à tarde e queima o bilhete como queimou os outros. Ele o vê arder.

A compreensão de Lowe a respeito do que ele se tornara veio em dois estágios distintos: após seu pesadelo em maio, o sonho no qual todos da congregação viraram lobisomens no Domingo de Páscoa, e após sua terrível descoberta do corpo estripado de Clyde Corliss, ele começou a compreender que algo está... bem, errado com ele. Não sabe outra maneira de colocar isso. Algo errado. Mas ele também sabe que em algumas manhãs, normalmente durante o período de lua cheia, ele desperta sentindo-se espantosamente bom, espantosamente bem, espantosamente forte. Esta sensação reflui com a lua, e então cresce novamente na lua seguinte.

Em seguida ao sonho e à morte de Corliss, ele foi forçado a admitir outras coisas que tinha, até então, sido capaz de ignorar. Roupas que estão enlameadas e reviradas. Arranhões e ferimentos que ele não consegue explicar (mas, desde que não doam nem ardam, como acontece com arranhões e ferimentos comuns, tem sido fácil esquecer, simplesmente... não pensar no assunto). Ele tem sido capaz até de ignorar as manchas de sangue que algumas vezes tem encontrado em suas mãos... e lábios.

Então, em 5 de julho, o segundo estágio. Descrito simplesmente: ele tinha acordado cego de um olho. Como com os cortes e arranhões, não tinha havido dor alguma; simplesmente um oco vazado, coagulado, onde existia seu olho esquerdo. A essa altura, as evidências tinham se tornado grandes demais para negar: ele é o lobisomem, ele é a Besta.

Nos últimos três dias ele tem sentido sensações familiares: uma enorme inquietação, uma impaciência que é quase jubilosa, uma espécie de tensão em seu corpo. Está vindo novamente - a mudança está quase feita novamente. Esta noite a lua vai estar totalmente cheia, e os caçadores estarão lá fora com seus cães. Bem, não importa. Ele é mais esperto do que eles julgam. Eles falam de um homem-lobo, mas pensam apenas em termos do lobo, não do homem. Eles podem dirigir seus caminhões, e ele pode dirigir seu pequeno Volare sedan. E esta noite dirigirá rumo a Portland, pensa ele, e ficará em algum motel nos limites da cidade. E, se a transformação vier, não haverá caçadores, nem cães. Eles não são os únicos que o assustam.

Por que você não se mata?

O primeiro bilhete veio no começo do mês. Dizia apenas:

Eu sei quem você é.

O segundo dizia:

Se você é um homem de Deus, saia da cidade. Vá para algum lugar onde haja animais para você matar, mas não pessoas.

O terceiro dizia.

Acabe com isto.

Isto era tudo; apenas Acabe com isto. E agora

Por que você não se mata?

Porque eu não quero, pensa petulante o reverendo Lowe. Isto - seja o que for - não foi algo que eu pedi. Eu não fui mordido por um lobo ou enfeitiçado por uma cigana. Apenas... aconteceu. Eu apanhei algumas flores para os vasos da sacristia, num dia de novembro do ano passado. Lá em cima, naquele pequeno e bonito cemitério em Sunshine Hill. Eu nunca vi tais flores antes... e elas estavam mortas antes de eu voltar para a cidade. Ficaram negras, todas elas. Talvez tenha sido quando começou a acontecer. Nenhuma razão para pensar assim, certamente... mas é o que eu acho. E eu não quero me matar. Eles são animais, não eu.

Quem está escrevendo estes bilhetes?

Ele não sabe. O ataque contra Marty Coslaw não foi noticiado no jornal semanal de Tarker's Mills, e ele se orgulha de não escutar fofocas. Também, assim como Marty não sabia sobre Lowe até o Dia das Bruxas, porque seus círculos religiosos não se tocam, o reverendo Lowe não sabe sobre Marty. E ele não tem nenhuma lembrança do que faz em seu estado de besta; apenas aquela sensação alcoólica de bem-estar quando o ciclo acaba até o próximo mês, e a inquietação que o antecede.

Eu sou um homem de Deus, ele pensa, levantando, e começa a caminhar, andando mais e mais rápido no quieto parlatório onde o relógio do avô marca solenes tics e solenes tacs. Eu sou um homem de Deus e não me matarei. Eu faço o bem aqui, e se algumas vezes faço o mal, é porque os homens têm feito o mal antes de mim; o mal também serve aos desejos de Deus, ao menos assim nos ensina o Livro de Jó; se eu fui amaldiçoado pelo Supremo, então Deus vai me acalmar na Sua hora. Todas as coisas servem aos desejos de Deus... e quem é ele? Eu devo fazer perguntas? Quem foi atacado no Quatro de julho? Como eu(ele) perdi meu (seu) olho? Talvez ele devesse ser silenciado... mas não este mês. Deixe-os guardarem seus cães primeiro. Sim...

Ele começa a andar mais e mais rápido, curvado, sem notar que sua barba, normalmente rala (ele pode andar por aí, se barbeando uma vez a cada três dias... isto é, na época certa do mês), agora brotou espessa, emaranhada e áspera, e que seu único olho

castanho está obscurecido e mudando momento a momento para se tornar um verde-esmeralda mais tarde nesta noite. Ele se curva para frente enquanto caminha, e começou a falar consigo mesmo... mas as palavras ficam mais e mais graves, cada vez mais semelhantes a grunhidos.

Por fim, quando a noite cinza de novembro se espraia num precoce escurecimento cor de chumbo, ele vai até a cozinha, arrebata as chaves do Volare penduradas na porta e quase corre em direção ao carro. Dirige rumo a Portland, rápido, sorrindo, e nem diminui a velocidade quando a primeira neve da temporada caiem flocos iluminados pelos fachos dos faróis, como dançarinos vindos de um céu plúmbeo. Ele sente a lua em algum lugar acima das nuvens; sente sua força; seu peito se dilata, esticando as costuras de sua camisa branca.

Sintoniza o rádio em uma emissora de rock'n'roll e sente-se simplesmente... o máximo!

E o que acontece mais tarde naquela noite pode ser um julgamento de Deus, ou uma zombaria daqueles antigos deuses que os homens adoravam na segurança dos círculos de pedras nas noites de luar - ah, é engraçado, certo, muito engraçado, porque Lowe foi de qualquer maneira para Portland para se transformar na Besta, e o homem que ele acaba estraçalhando naquela noite nebulosa de novembro é Milt Sturrnfuller, um morador de Tarker s Mills desde que nasceu:.. e talvez Deus esteja por trás de tudo isso, porque se há um cagalhão de primeira classe, nível A, em Tarker s Mills, é Milt Sturmfuller. Ele saiu esta noite, como em outras noites, dizendo a sua desancada esposa Donna Lee que ia trabalhar, mas seu trabalho é uma garota tipo B chamada Rita Tennison que lhe passou um vívido caso de herpes, o qual Milt já transferiu para Donna Lee, que nunca foi além de uma olhada a outro homem em todos os anos que eles estiveram casados.

O reverendo Lowe se registrou num motel chamado The Driftwood, próximo à divisa entre Portland e Westbrook, e este é o mesmo motel que Milt Sturmfuller e Rita Tennison escolheram nesta noite de novembro para seu trabalho.

Milt sai às dez e quinze para buscar uma garrafa de burbom que deixara no carro, e ele está mesmo se dando os parabéns por estar longe de Tarker's Mills na noite de lua cheia quando a Besta caolha o ataca do teto da cabine de um Peterbilt de dez rodas coberto de neve e lhe arranca a cabeça com uma magnífica pancada. O último som que Milt Sturmfuller ouve em sua vida é o crescente rosnado de triunfo do lobisomem; sua cabeça rola debaixo do Peterbilt, os olhos arregalados, o pescoço esguichando sangue e a garrafa de burbom cai de sua mão trêmula enquanto a Besta enterra o focinho em sua garganta e começa a se alimentar.

E no dia seguinte, de volta à paróquia batista em Tarker's Mills, sentindo-se simplesmente... o máximo, o reverendo Lowe lerá o relato do crime no jornal e pensará piamente: Ele não era um bom homem. Todas as coisas servem ao Senhor.

E a seguir, ele pensará: Quem é o garoto que está me enviando os bilhetes? Quem era em julho? É hora de descobrir. É hora de ouvir alguma fofoca.

O reverendo Lester Lowe arruma o tapa-olho, dobra um outro caderno do jornal e

pensa: Todas as coisas servem ao Senhor, se for o desejo do Senhor, eu o encontrarei. E o silenciarei. Para sempre.

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

Faltam quinze minutos para a meia-noite do Ano Novo. Em Tarkei's Mills, como no resto do mundo, o ano se aproxima de seu final, e em Tarker's Mills, como no resto do mundo, o ano trouxe mudanças.

Milt Sturmfuller está morto e sua esposa Donna Lee, afinal livre de sua escravidão, se mudou da cidade. Foi para Boston, dizem alguns; foi para Los Angeles, dizem outros. Outra mulher tentou levar em frente a Livraria da Esquina e faliu, mas a barbearia, o mercado Basket e The Pub continuam em seus antigos endereços e vão bem, muito obrigado. Clyde Corliss está morto e seus dois irmãos boas biscas, Alden e Errol, ainda estão vivos e muito bem e vendendo seus vale-refeições no A&P duas cidades além - eles não têm coragem de fazer isto aqui em Mills. Vovó Hague, que costumava fazer as melhores tortas de Tarker's Mills, morreu de um ataque cardíaco. Willie Harrington, que tem noventa e dois anos, escorregou no gelo em frente a sua casa na rua Ball, no final de novembro, e quebrou o quadril, mas a biblioteca recebeu uma bela doação no testamento de um veranista e, no próximo ano, a construção começará com a ala infantil, que vem sendo falada nas reuniões municipais ninguém lembra há quanto tempo. Ollie Parker, o diretor da escola, teve uma hemorragia nasal que não parava, em outubro, e foi diagnosticada como uma crise aguda de hipertensão. Você tem sorte de não ter estourado seu cérebro, o médico grunhiu, desembrulhando o aparelho de pressão, e disse a Ollie para perder pelo menos vinte quilos. Num passe de mágica, Ollie perde dez desses quilos até o Natal. Ele parece e se sente como um novo homem. "Age como um novo homem, também", sua esposa conta à amiga íntima Delia Burney, com um sornsinho malicioso. Brady Kincaid, morto pela Besta na época das pandorgas, continua morto. E Marty Coslaw, que costumava sentar bem atrás de Brady na escola, ainda é um aleijado.

Coisas mudam, coisas não mudam e, em Tarker's Mills, o ano está terminando como começou - uma nevasca ululante está roncando lá fora, e a Besta está por perto. Em algum lugar.

Sentado na sala de estar da casa dos Coslaw e assistindo ao programa de rock de Ano Novo de Dick Clark estão Marty Coslaw e seu tio Al. Tio Al está no sofá. Marty está sentado em sua cadeira de rodas em frente à televisão. Há uma arma no colo de Marty, um Colt Woodsman 38. Duas balas estão no tambor da arma e ambas são de prata pura. Tio Al conseguiu que um amigo de Hampden, Mac McCutcheon, as fizesse em forma de balas. Este Mac McCutcheon, depois de alguns protestos, derreteu a colherinha de prata da crisma de Marty com um maçarico e calibrou a quantidade de pólvora necessária para impelir as balas sem atingir uma grande distância.

- Eu não garanto que elas irão funcionar - o tal Mac McCutcheon tinha dito a tio Al -, mas elas provavelmente funcionarão. O que você vai matar, Al? Um lobisomem ou um vampiro?

- Um de cada - tio Al diz, devolvendo o sorriso sarcástico. - Por isso eu lhe pedi para fazer duas. Havia um fantasma por aí, também, mas seu pai morreu em Dakota do Norte e ele teve de apanhar um avião para Fargo. - Eles riem sobre aquilo tudo e então Al diz:

- São para um sobrinho meu. Ele é maluco por filmes de terror e eu pensei que elas dariam um presente de Natal interessante para ele.

- Bem, se ele disparar uma contra alguma cerca, traga-a de volta à loja - Mac lhe diz. - Eu gostaria de ver o que acontece.

Na verdade, tio Al não sabe o que pensar. Ele não tinha visto Marty ou estado em Tarker's Mills desde o dia 3 de julho; como ele tinha previsto, sua irmã, a mãe de Marty, está furiosa com ele por causa dos fogos de artifício. Ele poderia ter sido morto, seu estúpido olho do cu. O que, em nome de Deus, você pensa que estava fazendo ? ela grita ao telefone, áspera com ele.

- Parece que foram os fogos que o salvaram - Al começa, mas ouve um agudo ruído de uma ligação interrompida. Sua irmã é teimosa; quando ela não quer ouvir alguma coisa, não quer mesmo.

Então, no começo desse mês, uma chamada de Marty.

- Eu tenho de te ver, tio Al - Marty disse. - Você é o único com quem eu posso falar.

- Você sabe que sua mãe quer me ver na casinha dos cachorros, garoto - Al respondeu.

- É importante - Marty disse. - Por favor. Por favor.

Então ele veio e enfrentou o silêncio gelado e desaprovador de sua irmã, e, num dia frio e claro do princípio de dezembro, Al levou Marty para um passeio em seu carro esporte, colocando-o cuidadosamente no banco dos passageiros. Só que nesse dia não houve correrias e nem gargalhadas; apenas tio A1 escutando enquanto Marty falava. Tio A1 escutou com crescente inquietação enquanto a história era contada.

Marty começou contando a Al sobre a noite da maravilhosa sacola de fogos e como ele tinha arrancado o olho esquerdo da criatura com as bombas. Então lhe contou sobre o Dia das Bruxas e o reverendo Lowe. Então contou a tio Al que ele tinha começado a enviar bilhetes anônimos ao reverendo Lowe... isto é, anônimos até os últimos dois, em seguida ao assassinato de Milt Sturmfuller em Portland. Aqueles ele assinou exatamente como lhe tinham ensinado na aula de gramática: Sinceramente seu, Martin Coslaw.

- Você não deveria ter enviado bilhetes ao homem, anônimos ou quaisquer outros! - tio Al disse agudamente. - Por Cristo, Marty! Já lhe ocorreu que você poderia estar errado?

- Por certo - Marty disse. - Por isso que assinei meu nome nos últimos dois. Você não vai me perguntar o que aconteceu? Você não vai me perguntar se ele chamou meu pai e lhe contou que eu mandei um bilhete dizendo 'por que você não se mata?' e um outro dizendo 'nós estamos chegando perto de você'?

- Ele não fez isso, fez? - Al perguntou, já sabendo a resposta.

- Não -, Marty disse calmamente. - Ele não falou com papai, não falou com mamãe e não falou comigo.

- Marty, pode existir uma centena de razões para is...

- Não. Há apenas uma. Ele é o lobisomem, ele é a Besta, é ele e está esperando pela lua cheia. Como reverendo Lowe, ele não pode fazer nada. Mas como lobisomem, pode fazer o que quiser. Pode me calar.

E Marty falou com uma simplicidade tão arrepiante que Al estava quase convencido. - Então, o que você quer de mim? - Al perguntou.

Marty lhe disse. Queria duas balas de prata e uma arma para dispará-las, e queria que tio Al viesse na noite de Ano Novo, a noite da lua cheia.

- Eu não farei tal coisa - tio Al disse. - Marty, você é um bom garoto, mas está perdendo o rumo. Acho que você tem aí um bom caso de Febre de Cadeira de Rodas. Se você meditar bem, se dará conta disso.

- Talvez - Marty disse. - Mas pense como você se sentirá se receber uma ligação no dia de Ano Novo dizendo que eu estou morto em minha cama, feito em pedaços. Você quer carregar isso em sua consciência, tio Al?

Al começou a falar, então fechou a boca com um ruído. Manobrou no acostamento, ouvindo os pneus dianteiros da Mercedes esmagarem a neve fresca. Fez o retorno e começou o regresso. Ele lutou no Vietnã e ganhou um par de medalhas lá; tinha, afortunadamente, evitado relacionamentos mais prolongados com diversas jovens senhoras luxuriosas; e agora se sentia apanhado e encurralado por seu sobrinho de dez anos. Seu sobrinho de dez anos aleijado. Claro, ele não queria tal coisa em sua consciência - nem mesmo a possibilidade de tal coisa. E Marty sabia disso. Como Marty sabia que se tio Al pensasse haver ao menos uma chance em cem de ele estar certo...

Quatro dias mais tarde, em 10 de dezembro, tio Al ligou.

- Grandes novidades! - Marty anunciou para sua família, rodando sua cadeira de volta à sala de estar. - Tio Al está vindo para o Ano Novo.

- Certamente que não - diz sua mãe em seu tom mais frio e brusco possível.

Marty não se atemorizou. - Xi, perdão... eu já o convidei - ele disse. - Ele falou que traria pólvora seca para a lareira.

Sua mãe passou o resto do dia olhando com frieza para Marty toda vez que seus olhos iam em sua direção e os dele nela... mas, não ligou para o irmão para lhe dizer que ficasse longe, e isto era o mais importante.

No jantar daquela noite Katie sussurrou sibilante em seu ouvido:

- Você sempre consegue o que quer. Só porque você é um aleijado.

Sarcasticamente, Marty sussurrou de volta: - Eu também te amo, mana.

- Seu panaquinha!

Ela saiu se balançando.

E eis, enfim, a véspera do Ano Novo. A mãe de Marty está certa de que Al não vai aparecer quando a tempestade se intensifica, o vento uivando, se lamentando e levando a neve para diante. Para dizer a verdade, Marty passou por uns maus momentos... mas tio Al chegou por volta das oito, dirigindo não a sua Mercedes esporte, mas uma carroça emprestada.

Pelas onze e meia, todos da família foram para a cama, com exceção deles dois, o que é bem melhor do que Marty imaginava. E apesar de tio Al ainda estar descrente da coisa toda, ele trouxe não uma, mas duas armas escondidas sob seu pesado casaco. Uma com as duas balas de prata que ele dá a Marty sem dizer nada depois que a família se recolheu (como para completar, a mãe de Marty bateu a porta do quarto que ela divide com o pai de Marty quando foi para a cama - bateu com força). A outra está carregada com balas mais convencionais... pois Al admite que se um maluco vai aparecer por ali esta noite (e enquanto o tempo passa e nada acontece, ele duvida cada vez mais), a Magnum 45 vai pará-lo.

Agora, na televisão, com crescente freqüência, as câmaras mostram a grande bola iluminada no alto do edifício da Allied Chemical em Times Square. Os últimos minutos do ano escorrem. A multidão delira. No canto oposto à TV, a árvore de Natal dos Coslaw se ergue, ressequida agora, ficando um tanto descorada, tristemente desnuda de seus presentes.

- Marty, nada... - tio A1 começa, e então o janelão da sala de estar estoura em cacos de vidro, deixando entrar o vento uivante lá de fora, brancos flocos de neve dançantes... e a Besta.

Al está, momentaneamente, congelado, exteriormente congelado pelo pavor e pela descrença. É enorme esta Besta, talvez uns dois metros e dez de altura, apesar de estar curvada, tanto que suas patas dianteiras quase arrastam no tapete. Seu único olho verde (exatamente como Marty disse, ele pensa entorpecido, tudo exatamente como Marty disse) vasculhar ao redor com uma terrível, envolvente sensibilidade... e se fixa sobre Marty, sentado em sua cadeira de rodas. Pula em direção ao garoto, um uivo de triunfo explodindo em seu peito e atravessando os enormes dentes amarelados.

Calmamente, o rosto quase imutável, Marty ergue o 38. Parece muito pequeno em sua cadeira de rodas, suas pernas como palitos dentro do jeans desbotado e macio, os chinelos de pelúcia nos pés entorpecidos e insensíveis toda sua vida. E, incrivelmente, acima do uivo enlouquecido do lobisomem, acima do gemido do vento, acima da confusão dos seus próprios pensamentos embolados sobre como isto pode ser possível num mundo de pessoas reais e coisas reais, acima de tudo isso Al ouve seu sobrinho dizer:

- Pobre reverendo Lowe. Vou tentar libertá-lo.

E quando o lobisomem salta, sua sombra como um borrão no carpete, as garras das mãos estiradas, Marty dispara. Por causa da pouca quantidade de pólvora, a arma solta um estampido quase absurdamente inaudível. Como uma espingarda de pressão.

Mas o rugido enfurecido do lobisomem se eleva a tons mais agudos, um lunático urro de dor. Ele se choca contra a parede e seu ombro tem um buraco de lado a lado. Uma pintura de Currier e Ives cai sobre sua cabeça, escorrega pela pelugem espessa de suas costas e se despedaça enquanto o lobisomem se vira. O sangue escorre pela máscara selvagem e peluda que é seu rosto, e seu olho verde gira confuso. Cambaleia em direção a Marty, rugindo, suas patas abrindo e fechando, as mandíbulas mascando uma baba sangrenta. Marty segura a arma com as duas mãos, como uma criança segura seu copo. Ele espera, espera... e quando o lobisomem prepara o bote novamente, ele dispara. Magicamente, o outro olho da besta se apaga como uma vela numa ventania! Ela grita outra vez e cambaleia, agora cega, em direção à janela. A nevasca metralha as cortinas e as enrola ao redor de sua cabeça - Al pode ver flores de sangue começarem a brotar no tecido branco - enquanto, na televisão, a grande bola iluminada começa a baixar do seu mastro.

O lobisomem cai de joelhos quando o pai de Marty, olhos vermelhos e vestindo pijama amarelo-claro, irrompe na sala. A Magnum 45 ainda está no colo de Al. Ele nem sequer a ergueu.

Agora a besta agoniza... estremece uma vez... e morre.

O senhor Cosiaw a olha, boquiaberto.

Marty se volta para tio Al, a arma fumegante em suas mãos. Seu rosto parece cansado... mas em paz.

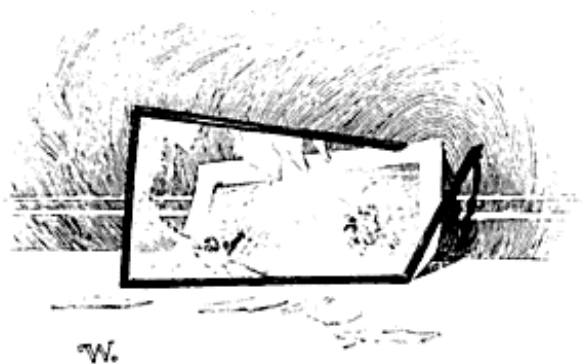
- Feliz Ano Novo, tio Al - ele diz -,está morta. A Besta está morta. - E então ele começa a chorar.

No chão, sob as franjas das melhores cortinas brancas da sra. Coslaw, o lobisomem começou a se transformar. O pêlo que cobria seu rosto e corpo parece estar sendo empurrado para dentro de alguma maneira. Os lábios, retorcidos num esgar de dor e fúria, relaxam e cobrem os dentes arreganhados. A garras se tornam, magicamente, unhas... unhas que foram quase pateticamente roídas e mordidas.

O reverendo Lester Lowe jaz ali, envolto numa mortalha sangrenta, a neve soprando a sua volta em pouca quantidade.

Tio Al se aproxima de Marty e o conforta enquanto o pai de Marty olha aparvalhado o corpo nu no chão e enquanto a mãe de Marty, segurando a gola do seu robe, se arrasta pela sala. Al abraça Marty apertado, apertado, apertado.

- Você fez bem, garoto - ele sussurra. - Eu te amo.

Lá fora, o vento uiva e geme contra o céu nevado e, em Tarker's Mills, o primeiro minuto do Ano Novo se torna história.

Posfácio

Qualquer dedicado observador da lua saberá que, indiferente ao ano, eu tomei muitas liberdades com o ciclo lunar - normalmente para tirar vantagens dos dias (Namorados, Quatro de Julho, etc.) que "marcam" certos meses em nossa memória. A aqueles leitores que sentem que eu não sabia nada disso afirmo que sabia... mas a tentação foi simplesmente muito grande para resistir.

Stephen King
4 de agosto de 1983